



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

***QUARTO DE DESPEJO: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NO BRASIL A PARTIR DA
ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS (ANOS 1950)***

VITÓRIA BRENDA DA SILVA ARRUDA

CAJAZEIRAS – PB

2023

VITÓRIA BRENDA DA SILVA ARRUDA

*QUARTO DE DESPEJO: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NO BRASIL A PARTIR DA
ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS (ANOS 1950)*

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A779q	<p>Arruda, Vitória Brenda da Silva. <i>Quarto de Despejo: gênero, raça e classe no Brasil a partir da escrita de Carolina Maria de Jesus (anos 1950) / Vitória Brenda da Silva Arruda. –</i> Cajazeiras, 2023. 61f. : il. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Carolina de Jesus - Biografia. 2. Escritora afro-brasileira. 3. Quarto de Despejo. 4. Produção literária- Carolina de Jesus. 5. Interseccionalidade. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU – 929</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

VITÓRIA BRENDA DA SILVA ARRUDA

*QUARTO DE DESPEJO: GÊNERO, RAÇA E CLASSE NO BRASIL A PARTIR DA
ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS (ANOS 1950)*

Aprovado em 29/11/2023

Documento assinado digitalmente
gov.br FRANCISCO FIRMINO SALES NETO
Data: 05/12/2023 13:30:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Orientador

Rosemere Olímpio de Santana

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana
Examinadora Interna

Gerlandia Gouveia Garcia

Profa. Ma. Gerlandia Gouveia Garcia
Examinadora Externa

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo
Suplente

CAJAZEIRAS – PB
2023

Dedico este trabalho a minha irmã, que sempre me incentivou a continuar os estudos, porque somos mais fortes juntas.

E ao meu amigo Lucas Barbosa Carvalho (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me sustentar e me dar forças todos os dias para continuar esta caminhada tão difícil que é fazer um curso superior.

Agradeço a minha família, principalmente minha irmã Rabeche Keise pela cumplicidade em tudo na minha vida.

Ao meu querido orientador, Francisco Firmino Sales Neto, quem me apresentou Carolina de Jesus e o livro *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, por estar ao meu lado durante a produção desta pesquisa, sempre me encorajando e dizendo que íamos fazer um trabalho lindo.

Aos meus colegas de curso, que iniciaram esta jornada comigo e foram extremamente necessários para que o curso fosse mais leve e proveitoso. Agradeço principalmente a Manoel Alves, que virou um dos meus melhores amigos e sempre me auxiliou em tudo o que precisei em todos os aspectos da minha vida. Você virou um irmão, Manoel. Amo muito você! Agradeço as minhas melhores amigas, Annanda e Micaele, pessoas que encontrei no curso e sou extremamente grata a Deus por isso. Nossa energia é surreal e eu não sei como seria minha vida sem vocês. Obrigada por aguentar meus surtos, ouvir minhas reclamações, frustrações e não me deixarem desistir nem desanimar! Amo vocês que dói e as levarei, junto com Manoel, na minha vida, para sempre. Agradeço à Mayara Gonçalves, que iniciou o curso com a gente, mas que, infelizmente, acabou desistindo. Os primeiros semestres não teriam sido os mesmos sem você.

Aos meus colegas do ônibus, com quem compartilhei centenas de viagens e histórias. A jornada acadêmica foi mais leve com a presença de vocês, com toda a certeza: Luciana, Matheus, Wallif, Sr. Geraldo, Aparecida Cesário, Ênio, Fábio, Luma e todos os outros colegas que estudam na UFCG. Com vocês, as viagens enfadonhas foram mais fáceis de aguentar.

Agradeço especialmente a Dyones, meu irmão, que iniciou essa caminhada comigo e cuidou de mim durante todas as nossas viagens. Agradeço, com o coração partido, ao nosso querido amigo Lucas Barbosa que, infelizmente, nos deixou, mas que compartilhou comigo o 9º ano do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e todos esses cinco anos de graduação. Sempre ia me deixar na porta de casa, devido às altas horas que chegávamos, por isso sou muito grata por ter vocês e por ter tido Lucas em minha vida. Todos os conselhos, gargalhadas, viagens e histórias estarão guardadas para sempre no meu coração. Este trabalho é dedicado a você, amigo. Agradeço também ao nosso querido motorista João Furtado, a

paciência em pessoa, que sempre nos trata com muito carinho e cuidado. Você fez parte da minha caminhada e esta vitória também é sua, pelo que sou extremamente grata.

A todos os professores do curso, que foram responsáveis pela minha formação acadêmica; e a todos os outros professores que fizeram parte da minha jornada. Obrigada a toda a instituição, aos terceirizados, aos seguranças, às pessoas que trabalham na cantina, na xerox, enfim, a todos os servidores que atuam no campus em geral. Sem vocês, a universidade não funcionaria e temos que ser gratos.

Quero agradecer também à querida professora Rosemere Olímpio de Santana, com quem tive o prazer de trabalhar durante o seu PIBIC, que despertou em mim o olhar para a pesquisa e para a participação em eventos. A senhora foi extremamente necessária na minha formação acadêmica. Nossas conversas durante as reuniões do PIBIC eram incríveis e me deixavam refletindo por dias diante de diversas questões. E, por fim, agradeço também às meninas com quem fiz parceria durante a iniciação científica, especialmente a Josilene (Josy), que se tornou uma amiga muito especial e a quem sou muito grata pela amizade!

Falavam que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que tenho audácia.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora afro-brasileira que nasceu no ano de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Ela escreveu romances, prosas, músicas e provérbios, mas ficou conhecida por seus diários. O seu livro de maior destaque foi *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, publicado no ano de 1960, tendo sido bem aceito pela crítica literária e vendendo milhões de exemplares. Este trabalho tem como objetivo analisar como a história de vida da escritora Carolina de Jesus foi atravessada pelos marcadores sociais de gênero, raça e classe, problematizando como esses três elementos ajudam a compreender a trajetória intelectual de uma mulher negra e pobre que viveu no Brasil nos anos de 1950. Como fontes de pesquisa utilizamos as suas produções literárias, em especial os livros *Quarto de Despejo (1960)* e *Diário de Bitita (1986)*, nos quais a escritora narrou seus dias na favela, contando alguns dias de sua infância à vida adulta. Metodologicamente, esses livros foram analisados a partir das propostas de Leandro dos Santos Fernandes (2015) acerca dos usos das fontes literárias. Em termos teóricos, foram utilizados os conceitos de *memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (1990); *memória*, de Michael Pollak (1992); *gênero*, de Joana Maria Pedro (2005); e, principalmente; o conceito de *interseccionalidade*, de Bilge (2014) e Ochy Curiel (2005).

Palavras chaves: Carolina de Jesus; Quarto de Despejo; Interseccionalidade.

ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus was an Afro-Brazilian writer who was born in 1914, in the city of Sacramento, Minas Gerais. She wrote novels, prose, songs and proverbs, but was best known for her diaries. Her most notable book was *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, published in 1960, which was well received by literary critics and sold millions of copies. This work aims to analyze how the life story of the writer Carolina de Jesus was crossed by the social markers of gender, race and class, problematizing how these three elements help to understand the intellectual trajectory of a poor black woman who lived in Brazil in the 1950s. As research sources we used her literary productions, especially the books *Quarto de Despejo* (1960) and *Diário de Bitita* (1986), in which the writer narrated her days in the favela, recounting some days from her childhood to life adult. Methodologically, these books were prepared based on the proposals of Leandro dos Santos Fernandes (2015) on the uses of literary sources. In theoretical terms, the concepts of collective memory, by Maurice Halbwachs (1990), were used; memory, by Michael Pollak (1992); gender, by Joana Maria Pedro (2005); and mainly; the concept of *intersectionality*, by Bilge (2014) and Ochy Curiel (2005).

Keywords: Carolina de Jesus; Dump Room; Intersectionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 Jornal noticia Carolina Maria de Jesus a procura de um editor	25
Figura 2 Manchete do Jornal <i>O Globo</i>	26
Figura 3 Manchete do jornal <i>O País</i> noticiando o falecimento de Carolina Maria de Jesus ..	27
Figura 4 Manchete de jornal em que Carolina Maria de Jesus critica ditadores.....	30
Figura 5 Manchete apresentando a escrita de um novo livro de Carolina Maria de Jesus.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: Carolina Maria de Jesus, escritora	19
1.1 Quem foi Carolina Maria de Jesus?	20
1.2 Suas Produções literárias	28
CAPÍTULO II: Carolina Maria de Jesus, mulher negra	34
2.1 A sociedade brasileira nos anos 1950	34
2.2 Ser negra no Brasil nos anos 1950	41
CAPÍTULO III: Carolina Maria de Jesus e a favela	49
3.1 Ser pobre no Brasil nos anos 1950	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de analisar como a história de vida da escritora Carolina Maria de Jesus foi atravessada pela ideia de interseccionalidade, isto é, pelos marcadores sociais de gênero, raça e classe. Problematizamos como esses três elementos ajudam a compreender a trajetória intelectual de uma mulher negra e pobre no Brasil, em meados do século XX.

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora afro-brasileira, que nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais; e faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em São Paulo. Era filha de dona Maria Carolina de Jesus e João Cândido. Sendo fruto de um caso extra conjugal, nunca chegou a ter contato com o seu pai biológico. Em 1937, após a morte de sua mãe, Carolina Maria de Jesus se mudou para São Paulo e começou a trabalhar como empregada doméstica em algumas casas. Com dificuldades para enfrentar os custos de vida sozinha, acabou se mudando para a favela do Canindé, em 1948. Foi nessa favela que a autora escreveu vários diários de como eram os seus dias vivendo às margens da sociedade.

A autora escreveu poemas, músicas, prosas, romances e diários. Entre suas obras publicadas temos *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços de fome* (1963), *Provérbios* (1965), *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996) e *Meu estranho diário* (1996). *Diário de Bitita* contém parte do material em que a escritora estava trabalhando e tinha o intuito de intitular *O Brasil para os brasileiros*.

Quarto de Despejo, seu mais conhecido livro, conta com relatos das vivências da escritora, entre 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960, no qual ela relatou o seu cotidiano. Podemos acompanhar Carolina Maria de Jesus em casa, na rua catando recicláveis, a sua interação com os seus vizinhos e outros moradores da favela, assim como todas as dificuldades que a escritora enfrentava e narrava em seus diários. No decorrer do livro, ela associou a favela ao quarto de despejo da casa, pois, segundo a escritora, é no quarto de despejo em que ficam todas as coisas que não servem mais. Na apresentação do livro, sob o tema *Favela, o quarto de despejo de uma cidade*, temos uma descrição cirúrgica da obra e do que é trabalhado:

O livro relata a amarga realidade dos favelados da década de 1950: os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades

para se obter comida. O tempo passou, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito. Isso faz do relato de Carolina uma obra atemporal, sempre emocionante (JESUS, 2014, p. 5).

Antes da publicação do livro *Quarto de Despejo*, dois jornais publicaram passagens desse diário: o jornal *Folha da Noite*, em 1958; e a revista *O Cruzeiro*, em 1959. O livro foi muito bem recebido pela crítica especializada, vendendo mais de 100 mil exemplares logo após o seu lançamento. Atualmente, foi traduzido para 13 línguas diferentes e conta com mais de um milhão de exemplares vendidos.

A compreensão da trajetória intelectual da Carolina Maria de Jesus, para ser melhor entendida, é necessário tomar como base os marcadores sociais de gênero, raça e classe. Problematizamos como uma mulher negra, mãe solteira e favelada conseguiu fazer com que seus escritos ganhassem visibilidade em um contexto machista, racista e que tinha como membros principais do meio literário homens com uma classe social bem determinada. Como ser uma mulher negra e pobre teve relação direta com a sua imersão no mercado editorial, já que a Carolina de Jesus escreve um relato de denúncia social, como Luciana Paiva Coronel (2019) aborda, a identidade de favelada não foi reivindicada, mas denunciada em *Quarto de Despejo – diário de uma favelada (1960)*.

Ultimamente temos assistido a uma tentativa de recuperação de autores nacionais que foram silenciados pelo cânone literário ocidental. A pesquisadora Susana de Castro nos propõe que, em seu entendimento,

o Brasil não reverencia a memória de suas escritoras e seus escritores negros, indígenas, quilombolas, da periferia e das favelas porque como afirmou muito propriamente a artista e escritora Grada Kilomba em sua recente entrevista, o Brasil é uma história do ‘sucesso colonial’, ou seja, até hoje, mesmo após o fim de 400 anos de colonização e de escravidão, a mentalidade colonial continua presente no imaginário social dos brasileiros que acreditavam na existência de uma hierarquia ‘natural’ entre os culturalmente inferiores, descendentes de negros e indígenas, e os culturalmente superiores, descendentes dos europeus (CASTRO, 2021, p. 14).

As obras desses autores não foram publicadas devido ao racismo estrutural, o machismo e por valores brancos e coloniais presentes em nossa sociedade. Christiane Vieira Soares de Toledo (2010) aborda que diversas críticas são feitas a escrita de Carolina de Jesus, especialmente os erros gramaticais, apesar deles não atrapalharem em nada o entendimento da

obra. Chegam a atribuir a Audálio Dantas¹ escrita, porque Carolina não seria capaz de escrever algo tão articulado e até acusam a obra de ter sido mascarada por prefácios de personalidades literárias.

Elisângela Aparecida Lopes (2023) afirma que a leitura e a escrita estão inseparáveis do sujeito Carolina, visto que escrever e ler era o seu ideal, lendo a sociedade da sua posição marginal. A escrita de Carolina de Jesus tem uma marca social e sentimental que denuncia condições não antes denunciadas.

Teses de doutorado e trabalhos dos mais variados tipos a tomaram como tema, havendo diversos estudos sobre suas obras publicados em diversos países, em especial nos Estados Unidos. Também há congressos e eventos feitos em sua homenagem e que se dedicam a discutir suas produções literárias, como o *Estudos Decoloniais Carolina Maria de Jesus*, que é uma rede de pesquisadoras e ativistas articuladas por um feminismo decolonial e antirracista.

Como uma mulher negra, mãe solteira e moradora da favela, a autora foi atingida por três forças de poder: gênero, raça e classe. Muitos estudiosos tendem a desconsiderar o sexismo como uma força de opressão que atinge diretamente as mulheres negras, alegando que somente os danos causados pelo racismo devem ser considerados na luta pela liberdade das mulheres negras. Contudo, o sexismo não pode ser desconsiderado porque é uma das formas de dominação mais utilizadas pela sociedade para subjugar as mulheres negras (HOOKS, 2022).

As primeiras pessoas que defenderam o entendimento dessas categorias enquanto correlacionais, ou seja, não sendo categorias separadas uma das outras, mas entendidas em conjunto, foram as mulheres negras nos Estados Unidos que, nos anos de 1970, podem ser consideradas iniciadoras do BLACK FEMINISM. O coletivo *Combahee River*, que foi o primeiro coletivo a propor essa ideia e que era formado por mulheres negras lésbicas, ressalta:

A declaração mais geral da nossa política neste momento seria de que estamos comprometidas a lutar contra a opressão racial, sexual, heterossexual e classista, e que a nossa tarefa específica é o desenvolvimento de uma análise e de uma prática integralizadas, baseadas no facto de que os maiores sistemas de opressão se encontram conectados. A síntese destas opressões está na origem das condições das nossas vidas (Combahee River Collective *apud* CURIEL, 2005, p. 231).

¹ Audálio Dantas nasceu em 8 de julho 1929. Começou como repórter no jornal *Folha da Manhã*, em 1954. Em 1958, foi escalado para fazer uma reportagem na favela do Canindé e lá teve contato com Carolina e os seus diários. Ele revisou e editou os escritos para que fossem publicados.

A feminista Ochy Curiel propõe que essas mulheres, junto com Angela Davis, Audre Lourde, Barbara Smith e outras autoras que as antecederam, “elaboram toda uma proposta epistemológica e política” a partir das suas vivências e experiências como mulheres, como negras, muitas delas sendo proletárias e outras lésbicas. Sendo, pois, pioneiras desse pensamento (CURIEL, 2005).

Disso resultou o termo interseccionalidade, utilizado pela primeira vez pela jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw, que teve contato com um processo movido por uma mulher negra contra uma fábrica da General Motors nos Estados Unidos. A mulher negra havia alegado que ser uma mulher negra foi o motivo para que ela não fosse contratada pela fábrica. O tribunal que estava julgando o caso recusou a alegação por considerar que a mulher tinha uma dupla chance de ganhar, desconsiderando que a mulher havia sido atingida pelo preconceito de gênero e pela discriminação racial. Assim, Crenshaw começou a pensar em que nome se dava ao fato de sermos atingidas por múltiplas forças e chegou à palavra interseccionalidade. Sobre o conceito, Sirma Bilge faz uma boa síntese do que o termo trata:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa aprender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE *apud* HIRATA, 2014, p. 3).

Portanto, o conceito de interseccionalidade é central para o desenvolvimento de esta reflexão, visto que nossa principal intenção é analisar o livro *Quarto de despejo - diário de uma favelada*, percebendo as questões históricas de gênero, raça e classe no Brasil dos anos 1950 presentes na escrita de Carolina Maria de Jesus.

Utilizamos como fonte de pesquisa as produções literárias da escritora Carolina Maria de Jesus, analisando as narrações feitas pela autora acerca de seus dias na favela, assim como da sua infância e alguns dias de sua mocidade. Os relatos mais utilizados foram aqueles que estão presentes em *Quarto de Despejo – diário de uma favelada (1960)*, que começaram a ser escritos pela autora no ano de 1955. Dessa forma, faremos uso da memória construída pela autora em seus diários.

Ao fazer uso dos relatos presentes nos livros da Carolina Maria de Jesus estaremos fazendo uso de suas memórias individuais, assim como das memórias da coletividade, na medida em que a maior parte das descrições no seu diário levam em conta acontecimentos que se passavam na favela entre ela e as pessoas que lá viviam. São memórias construídas individual e coletivamente entre ela e os moradores da comunidade. Ao fazermos uso das memórias, é preciso termos ciência de que alguns eventos podem ter sido deixados de lado, visto que memória é seleção, escolha, movimento de construção de uma narrativa a partir das demandas pessoais e sociais envolvidas.

O primeiro teórico a debater a ideia de uma memória coletiva foi Maurice Halbwachs (1990). Segundo o autor, a memória, por mais pessoal que possa ser, é construída socialmente, havendo uma interligação entre as memórias sociais e individuais. Isso significa que os grupos sociais com os quais convivemos são responsáveis pela estruturação das nossas memórias.

Por sua vez, Michael Pollak (1992) propôs que a memória é seletiva. Assim, nem tudo fica gravado e registrado em nossa mente. Ela também é algo construído, possuindo uma organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento. Essa construção pode ser feita consciente ou inconscientemente. Aquilo que a memória individual guarda ou exclui, relembra ou esquece, é resultado de um trabalho de organização. Sobre isso, Viera aborda que:

Pollak (1992), numa breve sistematização, observa que a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares. As experiências são as vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, foram pelo grupo a que se pertence: assim, foram vividos em tabela, resultando numa memória “herdada”. É também composta por pessoas, personagens não necessariamente do nosso tempo, sobre os quais se sabem coisas como se as conhecêssemos; e por lugares - uma casa de infância, da qual guardamos registros afetivos, ou ainda monumentos, documentos, arquivos... (VIEIRA, 2015, p. 8).

Em termos metodológicos, Leandro dos Santos Fernandes(2015) faz algumas ponderações sobre as questões que são necessárias ao se trabalhar obras literárias como fontes históricas. Ele aponta aspectos socioculturais e políticos, assim como o aspecto sentimental. Dentre as questões destacadas, temos a contextualização do texto que está sendo utilizado no estudo, onde e quando a obra foi produzida, assim como compreender em que ambiente social e político o autor estava inserido no momento da produção da obra. Faz-se necessário assimilar o conjunto da obra para que o historiador não perca o encanto e a magnitude do

texto, tendo o cuidado de não criar sentidos e intenções que o autor não possuía. Essa perspectiva de análise da literatura será utilizada como metodologia para analisar a narrativa da escritora Carolina de Jesus.

Deve-se estar atento quais são os leitores a que a obra foi destinada, o discurso inserido, a linguagem utilizada pelo escritor e a organização das suas ideias para que se possa ter um entendimento mais aprofundado sobre os diversos aspectos que envolvem a narrativa literária. Outras questões são apontadas, como:

A utilização de uma obra literária como fonte de conhecimento histórico requer o levantamento de algumas questões, por exemplo, qual o assunto abordado, quais as ideias principais presentes no texto, a obra possui um olhar crítico, de passividade ou de legitimação de algum processo histórico? Caso tenha, qual a relação do autor perante esse processo? (FERNANDES, 2015, p. 6).

Com essa organização teórico-metodológica, no primeiro capítulo, será apresentada a autora, sua vida e suas produções literárias, tendo como fundamentação o debate sobre gênero. Buscamos refletir como foi difícil para ela romper com as estruturas sociais e se lançar como autora, em um país que silenciava os escritos de autores afro-brasileiros e de todos aqueles que ousavam escrever sobre o que não era benéfico para o sistema. A partir da imagem de Carolina de Jesus vamos entender como era ser mulher no Brasil nos anos de 1950, em meio a uma sociedade machista, racista e que lutava para manter costumes excludentes e enraizados.

No segundo capítulo, será adicionado o segundo marcador social que atingiu Carolina Maria de Jesus: a questão racial. Será abordado como era ser negro no Brasil nos anos 1950, em meio a uma população segregada e que reservava às mulheres negras as atividades que eram consideradas inferiores para as pessoas brancas realizá-las.

No terceiro capítulo, será abordado o terceiro marcador: o de classe. Quem era Carolina Maria de Jesus do ponto de vista socioeconômico? Como mulher negra e moradora da favela, ela fez parte de uma grande parcela da população brasileira que viveu/vive às margens da sociedade, em condições precárias e com pouco ou quase nenhuma assistência do Estado.

CAPÍTULO I: Carolina Maria de Jesus, escritora

Durante a década de 1950, no Brasil, temos uma sociedade extremamente conservadora, machista e sexista. Os papéis sociais de maior destaque eram reservados aos homens, ficando para as mulheres os trabalhos considerados femininos. Serviços culinários e domésticos eram destinados às mulheres, uma vez que os homens se negavam a realizar essas atividades. Era aconselhado às mulheres que elas exercessem um papel submisso e que agissem de acordo com as orientações das pessoas mais velhas da família, havendo até jornais que circularam ao longo do século XX trazendo dicas de como cozinhar bem, como se dirigir ao seu marido e como cuidar da sua aparência e dos filhos (ALVAREZ, 2020).

Kellen Jacobsen Follador (2009) aborda as exigências que são feitas às mulheres: submissão, recato e docilidade. A mulher aparecia em segundo plano na formação familiar porque o homem era considerado o chefe de sua casa, detendo, dentro do seu lar, todo poder e autoridade. O trabalho doméstico era colocado como algo nobre e importante, mas apenas para a mulher. O casamento era fundamental à vida da mulher e deveria ser algo almejado por elas.

Dentro desse contexto, em uma realidade longínqua das famílias abastadas da cidade, temos a escritora Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, mãe solteira, catadora de recicláveis e que vivia às margens da sociedade, morando na favela do Canindé, em São Paulo. Carolina narra uma realidade muito diferente daquela que imaginamos quando pensamos sobre a realidade social e econômica das pessoas dos anos de 1950, escrevendo sobre a pobreza, a violência, a falta de saneamento básico, a fome e todas as dificuldades que pessoas pobres enfrentavam nas favelas brasileiras nos anos de 1950.

Este capítulo apresenta a vida e as obras literárias da escritora Carolina Maria de Jesus. Através da escritora entenderemos como era a vida das mulheres brasileiras nos anos 1950, principalmente como era a vida das mulheres negras, que viviam em uma sociedade machista, racista e que lutava para manter costumes ditos tradicionais. Assim como, perceber foi difícil para ela romper essa estrutura e se lançar como escritora no cenário literário.

1.1 Quem foi Carolina Maria de Jesus?

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Ela e sua família foram se mudando por diversas cidades do estado mineiro, na esperança de conseguirem melhores condições de vida. Sua mãe se chamava Maria Carolina de Jesus e o seu pai João Cândido. O seu avô materno, Benedicto José da Silva, foi quem a autora destacou como figura importante da sua vida, conferindo a ele o trabalho honrado e o desenvolvimento da sua conduta moral:

O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô:
 - Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidades de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nos depositam confiança. Quando você entrar numa casa, deixe boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão comprando suas passagens para visitar o inferno (JESUS, 1986, p. 197).

O seu avô era visto com muita admiração pela comunidade, sendo associado até a um Sócrates africano. A sua mãe era lavadeira e fazia serviços domésticos nas casas das famílias, trabalhando sozinha para sustentar a si e a seus filhos. Carolina Maria de Jesus não teve muitas oportunidades de estudar, fazendo apenas o primeiro e o segundo ano do fundamental na Escola Allan Kardec.

O seu acesso aos estudos aconteceu a partir da Dona Maria Leite, que insistiu que a jovem deveria ser matriculada na escola. Dona Maria Leite era uma senhora de quem a mãe de Carolina lavava as roupas. A escritora menciona que, de início, não se interessava pelos estudos, era preguiçosa e chorava, pedindo a mãe para poder faltar às aulas. Vendo a sua falta de interesse, a professora desenhou um homem com um tridente na mão que espetava uma criança e disse-lhe que aquele era o inspetor e toda criança que, ao fim do ano, não soubesse ler seria espetada. Carolina de Jesus menciona ter ficado profundamente afetada pelo desenho e muito assustada, chegando até a sonhar com ele: “Decidi estudar com assiduidade, compreendendo que devemos até agradecer quando alguém quer nos ensinar. Compreendi que estava sendo indelicada com a dona Lonita, cansando-lhe a paciência” (JESUS, 1986, p. 126).

Em *Diário de Bitita* (1986), a escritora menciona que, somente em 1925, as escolas começaram a aceitar as crianças negras, mas isso era traumático para os alunos, que ouviam diversos comentários racistas na escola e chegavam em casa muito tristes, chorando e dizendo que não queriam voltar para a escola porque os brancos os chamavam de fedidos.

Poucas pessoas negras conseguiam ter acesso à educação porque a maioria da população negra estava inserida em um ambiente escravocrata, de pobreza, miséria, racismo e diversas violências. Desta forma, o acesso à educação pelas pessoas negras aparece marcado por empecilhos. As mulheres negras enfrentavam ainda mais dificuldades, pois os homens não ficavam nada contentes com a ideia das mulheres serem alfabetizadas. Francelene Costa Santana Oliveira (2014) destacou que havia o medo de a educação das mulheres trazer desordem e insegurança à sociedade.

O gosto de Carolina de Jesus pelos livros teve início quando aprendeu a ler. Ela ficava procurando qualquer coisa para ler. Mas, como era pobre, sua casa não tinha livros, ficando dependente dos livros que os vizinhos lhe emprestavam de vez em quando. Ela relatou o que o analfabetismo causava à comunidade. Como a maioria das pessoas negras não sabiam ler, acabavam, por exemplo, se envenenando com remédios sem querer, já que não conseguiam ler os rótulos dos medicamentos e acabavam não tendo ideia das dosagens corretas dos medicamentos. Quando ficavam idosos, o que lhes restava era pedir esmolas para sobreviver, visto que já não conseguiam mais fazer os serviços pesados que realizavam (JESUS, 1986).

Certo dia, apareceu um homem na cidade que estava a procura de uma mulher que fosse viver com ele em uma fazenda. Ele perguntou à mãe de Carolina se ela se interessava e ela disse que sim. Com isso, Carolina teve que abandonar a escola e se mudar para o campo com sua mãe e o seu padrasto. A escritora começou a trabalhar na lavoura e mencionou diversos autores que ela lia nas horas vagas, como Henrique Dias, Luiz Gama e Tiradentes, assim como a obtenção de conhecimentos pelas leituras que fazia:

Nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luiz Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes. Todos os brasileiros atuais, e os de porvir, devem e deverão render preito ao saudoso José Joaquim da Silva Xavier. Não foi salteador, não foi pirata, foi um dos que também sonhou em preparar um Brasil para os brasileiros. Lendo, eu ia adquirindo conhecimentos sólidos (JESUS, 1986, p.130-131).

Em *Diário de Bitita* (1986), a escritora relata a sua paixão pela nova vida. Antes, comprava os alimentos de quilo em quilo e, agora, colhiam sacos, narrando breves momentos de fartura e podendo até comprar vestidos de seda na cidade. Depois de quatro anos, o fazendeiro as expulsou da fazenda e eles voltaram para a cidade mais pobres do que quando saíram.

Naquele momento, Carolina de Jesus começou a trabalhar carpindo arroz, junto com o seu padrasto, no sítio do japonês Napoleão. As suas pernas ficaram cheias de feridas que não

saravam por nada. Algo que marcou e dificultou a vida da escritora por muitos anos. Ela começou a ter dificuldades para trabalhar e de encontrar um tratamento viável. Fez diversas viagens à cidade grande para tentar conseguir tratamento nas Santas Casas de Misericórdia. Muitas vezes ia a pé de uma cidade a outra, dormindo na beira das estradas e passando dias sem tomar banho e sem comer nada: “Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei a minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém. Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de rodagem. Que luta!” (JESUS, p. 148, 1986).

Carolina Maria de Jesus era perseguida pelo seu gosto pela leitura, de modo que começaram a surgir boatos de que ela estava lendo livros de feitiçaria e tramando usá-lo. Uma vez estava lendo na calçada e alguns rapazes que iam passando pediram para ver o que ela estava lendo. Ela deixou porque estava lendo um dicionário, mas eles disseram que era um livro de feitiçaria. A escritora mencionou que ficou em silêncio diante da acusação, uma vez que percebeu que eles não sabiam ler e ficou triste por eles. Ela considerava saber ler uma dádiva. Acabou se queixando querer ter saúde para trabalhar, pois a enfermidade a transformava em um farrapo humano.

Quando eles saíram, foram distorcer a história para o sargento da cidade, dizendo que ela tinha xingado o policial de farrapo e que eles apenas prendiam pobres. Com isso, os policiais foram à casa de Carolina para a prenderem. Sua mãe foi lhe defender e acabou sendo presa junto com ela. Na cadeia, ficaram sem comer por dias, foram obrigadas a carpir a frente da delegacia e foram espancadas com um cacete de borracha. Sua mãe chegou a quebrar o braço e a desmaiar devido a agressividade das pancadas:

O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem comer (JESUS, 1986, p. 180).

O fato dela viajar muito em busca de tratamento também era usado contra ela. Os pais proibiam suas filhas de estar na presença de Carolina, assim como a xingavam, alegando que moça direita não vivia viajando pelas estradas. Durante suas viagens, Carolina foi empregada em muitas casas. Sua mãe não queria que ela voltasse para Sacramento porque ela não conseguiria nada lá. Depois de muito sofrer e de sua mãe falecer ela resolveu se mudar para São Paulo, em 1937. São Paulo era e ainda é vista como a chance de subir na vida para aqueles que viviam e vivem em condições precárias em outros estados. Era a terra do café, do dinheiro e das oportunidades. Nas palavras de Susana de Castro:

São Paulo era a terra prometida para muitos imigrantes estrangeiros e migrantes nacionais. Impulsionada pela riqueza dos barões de café, a cidade iniciava seu processo de urbanização e industrialização acelerada. Lugar das editoras, dos jornais, possuía um ambiente cosmopolita bem mais propício a intelectual Carolina, do que Sacramento (CASTRO, 2021, p. 12).

Carolina de Jesus via na capital o potencial que esta tinha para transformar o país em *um Brasil para os brasileiros*, algo que sempre mencionou durante o livro *Diário de Bitita (1986)*: “São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve o figurino para que esse país se transforme num bom Brasil para os brasileiros” (JESUS, 1986, p. 202-203).

Carolina começou a escrever ainda na adolescência, enquanto morava em Minas Gerais, mas somente em São Paulo, como a própria autora afirmou, o seu talento literário desabrochou. Já em São Paulo, ela começou a enviar poemas para os jornais e, por conta disso, começou a ser chamada de “Carolina, a poetisa negra”. A sua filha Vera Eunice chegou a mencionar que Carolina confiava seus escritos a qualquer pessoa que pudesse lançá-los ou até mediar o lançamento deles. Algo que a própria escritora narrou em *Quarto de Despejo*, ao mencionar que enviava seus escritos aos editores com esperanças de que eles pudessem lançar (BARCELLOS, 2015).

Em 1947, Carolina de Jesus engravidou do seu primeiro filho e perdeu o emprego em que estava. Sem dinheiro para se sustentar ou alugar algo, ela se mudou para a favela do Canindé e lá ela mesma construiu o seu barraco. Nesse lugar ela residiu 11 anos com os seus três filhos, Vera Eunice, João José e José Carlos. Carolina nunca chegou a se casar e os seus filhos são de pais diferentes, que possuem diferentes nacionalidades. O único que pagava pensão era o pai de Vera Eunice, que no decorrer dos livros não tem a sua identidade revelada. A escritora mencionou que o homem tinha certa fama e vivia pedindo a ela para que não o colocasse no livro. O homem misterioso atrasava a pensão da filha várias vezes e pagava um valor bem inferior do que poderia pagar.

Foi na favela do Canindé² onde ela escreveu o seu livro de maior destaque, *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, que o havia escrito em cerca de quinze cadernos e folhas soltas que encontrava em bom estado quando ia catar papel pelas ruas da cidade. Nele ela narra o seu dia a dia e as dificuldades que passava.

² Favela que surgiu na cidade de São Paulo às margens do Rio Tietê, rio que, devido à proximidade, invadia com frequência a favela com suas águas cheias de sujeiras da cidade.

Ao total, em posse de instituições que guardam a memória dos escritos de Carolina Maria de Jesus, há 56 cadernos, trinte e sete cadernos estão em Sacramento, quatorze cadernos se encontram na Biblioteca Nacional, dois cadernos no Instituto Moreira Salles, dois cadernos na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo, e um caderno está no Museu Afro Brasil (BARCELLOS, 2015).

Em 1958, o jornalista Audálio Dantas foi escrever uma matéria sobre a favela do Canindé e acabou observando Carolina de Jesus discutir com alguns homens que estavam utilizando alguns brinquedos destinados às crianças da favela. Com isso Audálio Dantas, foi até ela, que mencionou a ele escrever diários, mostrando os seus cadernos. Ele ficou impactado com a intelectualidade da Carolina de Jesus e fez uma aproximação para publicá-los.

Somente em 1960 a obra *Quarto de Despejo* (1960) foi lançada, tendo sido um sucesso e vendendo, no fim desse mesmo ano, mais de 100 mil exemplares. Depois do sucesso do seu primeiro livro, a autora conseguiu comprar uma casa de alvenaria e sair da favela. O seu sonho era pintar sua casa de vermelho, mas não fez isso porque os padres ficavam constantemente a chamando de comunista. A ameaça comunista aparece constantemente em seu diário, com pessoas até perguntando se ela estava escrevendo um livro comunista: “... Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade” (JESUS, 2014, p. 108).

Após sair da favela junto com a sua filha Vera Eunice, Carolina de Jesus contou que as pessoas da favela iam a sua procura em busca de ajuda e ela não conseguia virar as costas por saber o que eles passavam. Em *Diário de Bitita* (1986), podemos entender porque a escritora não deixava de prestar ajuda, pois, quando precisou viajar para tentar encontrar tratamento para as suas pernas, precisando ficar na cidade, não tinha como alugar um quarto e ia às casas dos familiares. Ao chegar lá, ela mencionou que a olhavam com cara feia, negavam comida e até a colocavam para dormir no galinheiro:

O povo despediu-se e nós fomos para casa. Quando chegamos, a minha tia deu-me as passadeiras para eu forrar o cimento e deitar. Quando respirava, sentia o cheiro da poeira. Não adormeci por causa da friagem. Levantei e sentei-me numa cadeira. Não sentia sono por estar com fome (JESUS, 1986, p. 164).

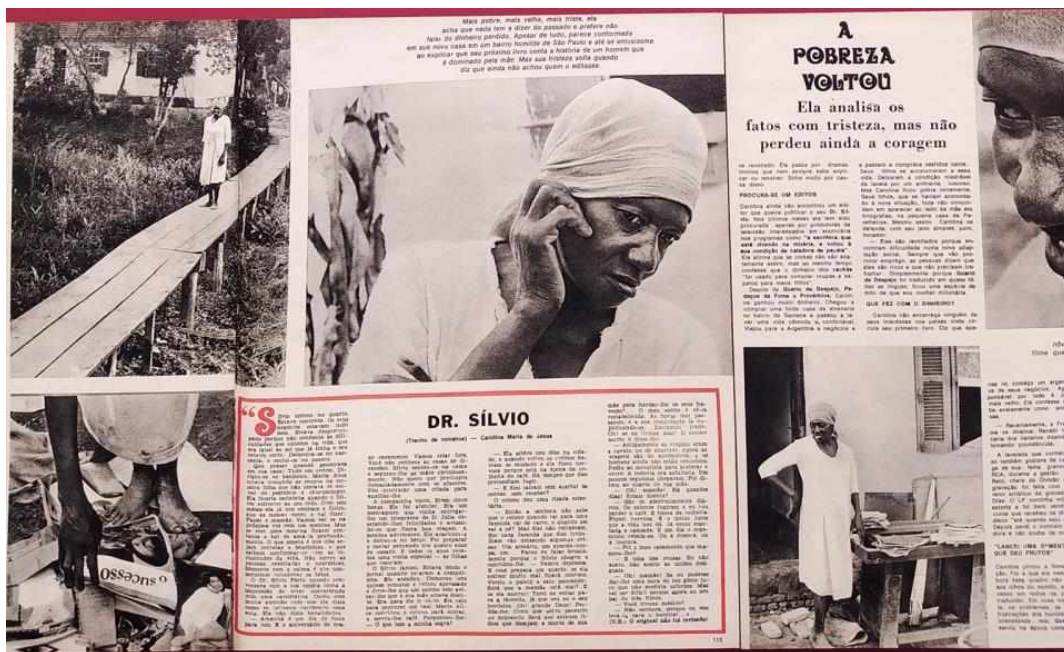
Em 1969, já caída no esquecimento e com alguns problemas com a vizinhança de Santana, ela saiu daquela cidade e se mudou para um sítio em Parelheiros, um bairro na

periferia de São Paulo. Queria paz e poder escrever com tranquilidade. A autora mencionou que conseguiu comprar uma casinha, algumas roupas, sapatos e fazer algumas viagens. Contudo, depois de um tempo, voltou à situação a que estava submetida. Seus filhos, revoltados por voltarem à pobreza, não mais posavam ao lado da mãe para as fotos. A escritora, mesmo assim, os defendeu dizendo que eles teriam que passar novamente por uma adaptação social. Podemos confirmar isso no seguinte jornal:

Mas Carolina ficou pobre novamente. Seus filhos, que se haviam acomodado à situação, hoje não concordam em aparecer ao lado da mãe em fotografias, na pequena casa de Parelheiros. Mesmo assim Carolina os defende, com seu jeito simples, puro, honesto:

- Eles são revoltados porque encontram dificuldades numa nova adaptação social. Sempre que vão procurar emprego, as pessoas dizem que eles são ricos e que não precisam trabalhar. Simplesmente porque *Quarto de Despejo* foi traduzido para quase todas as línguas, ficou uma espécie de mito de que sou uma mulher milionária.

Figura 1 Jornal noticia Carolina Maria de Jesus a procura de um editor



Fonte: Exposição “Um Brasil para os brasileiros³”, 2021.

Nesse jornal, também podemos perceber Carolina de Jesus em busca de uma editora que lançasse seu novo livro, *Dr. Sílvia*, mas acabou não encontrando. A escritora mencionou que só entravam em contato com ela com a intenção de anunciar que ela havia voltado à

³ Todas as imagens presentes neste trabalho foram reproduzidas durante a exposição “Um Brasil para os brasileiros”, realizada pelo Instituto Moreira Salles, em São Paulo, no ano de 2021.

pobreza e a catar recicláveis. Mesmo diante de uma de suas obras, não agiam com curiosidade, apenas se interessavam por divulgar seu retorno a sua antiga condição social.

O dinheiro recebido pelos livros também parece repleto de fraudes. Claramente a escritora não recebeu tudo a que tinha direito, sendo enganada por algumas partes. Isso foi algo que revoltou seus filhos que não gostaram nada de saber, que sua mãe estava sendo enganada. Eles chegaram a mencionar isso no jornal *O Globo*:

Figura 2 Manchete do Jornal *O Globo*



Fonte: Exposição “Um Brasil para os brasileiros”, 2021.

Na entrevista, seu filho Zé Carlos comentou:

- Não sou de briga, gosto mesmo é de música. Mas uma vez precisei me controlar para não matar um homem. Foi um livreiro, que explorou minha mãe e quando eu fui cobrar, disse: “Todo o mundo explora sua mãe, porque eu não posso?” Minha mãe também não recebe os direitos internacionais. Dos 21 países que editaram seu livro, apenas a França, paga regularmente.

No momento da entrevista, Zé Carlos tinha 19 anos. Os outros filhos de Carolina de Jesus também pareciam desgostosos diante da situação dos pagamentos das edições dos livros. Nesse jornal, a escritora descreveu que *Quarto de Despejo* (1960) foi horrível para a sua vida e que, ao reler o livro, ela ficou chocada com o que escreveu:

- Quarto de Despejo não nos trouxe recordações boas, ao contrário, elas são horrorosas. Estragou nossa vida, trouxe uma fama de ricos sem dinheiro. Hoje me arrependo. Se soubesse o que aconteceria, não teria escrito. Reli o livro e fiquei horrorizada. Dá a impressão de que estava numa letargia mental, com fome, fraca de espírito. Agora estou mais esclarecida, fiquei mais culta, estudei, melhorei o português, que naquele livro era muito ruim.

Quarto de Despejo (1960) foi escrito em um momento em que a fome era algo presente diariamente na vida da escritora e não havia como não se escrever sobre ela. Nos momentos de fome intensa a escritora escrevia sobre isso, mas pessoas com fome apenas pensam na fome. Talvez Carolina se ressentisse disso, visto que a fome é uma das personagens principais da narrativa. Ver como ela foi tratada depois da edição do livro, com fama de rica sem dinheiro, já que foi enganada em relação a sua parte nos ganhos pelos seus próprios livros, que contam a sua vida, chegando a deixar a escritora desejosa de não os ter escrito é muito triste. *Quarto de Despejo* teve um papel importante para que a gente conhecesse outra face do Brasil e visualizasse o que as pessoas que viviam nas favelas passavam todos os dias.

Ao mesmo tempo, a fala da escritora nos faz pensar que ela não queria ser vista como vítima, apesar de tudo. Ela sempre se apresentou como uma mulher forte e corajosa que não ia se deixar ser silenciada, lutando para que aquilo que ela desejava falar fosse ouvido, mesmo quando tentavam silenciá-la ou controlar o que ela escrevia.

O fato da escritora ser uma mulher negra e favelada tem relação direta com essa enganação. As pessoas viam as mulheres negras como um meio para conseguir aquilo que desejavam, não as vendo como pessoas que mereciam respeito e ganhos justos por aquilo que faziam.

Em 1977, no dia 13 de fevereiro, aos 62 anos de idade, a autora faleceu e foi sepultada sem pompas ou homenagens. Seu corpo foi colocado no Cemitério da Vila Cipó. Em 1986, portanto após a sua morte, algumas de suas obras foram lançadas. Em vida, encontrou muita dificuldade para lançar seus livros, chegando a publicar alguns com sua renda própria. Sua morte foi divulgada pelos jornais, que fizeram matéria sobre a escritora:

Figura 3 Manchete do jornal *O País* noticiando o falecimento de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Exposição “Um Brasil para os brasileiros”, 2021.

O jornal iniciou trazendo informações sobre o sepultamento da escritora, que fora realizado às 9 horas no cemitério da Vila Cipó, a cerca de 40 quilômetros do centro de São Paulo. Depois, fez um breve resumo da sua vida e sobre suas produções literárias.

1.2 Suas Produções literárias

Quarto de despejo – diário de uma favelada (1960) foi o livro de maior sucesso da escritora, contando com mais de um milhão de livros vendidos. Atualmente, ele já foi lançado em cerca de 40 países. Ele foi escrito na favela do Canindé entre os anos de 1955 e 1960 a partir da narração dos dias da escritora. Temos descrições dos seus dias, a convivência com seus filhos, vizinhos e com os demais moradores da favela, as dificuldades sofridas e até os pensamentos mais íntimos da autora em relação a diversos assuntos. Ler era algo presente na vida de Carolina de Jesus e algo que alimentava seu espírito. Sempre que podia, ela lia e

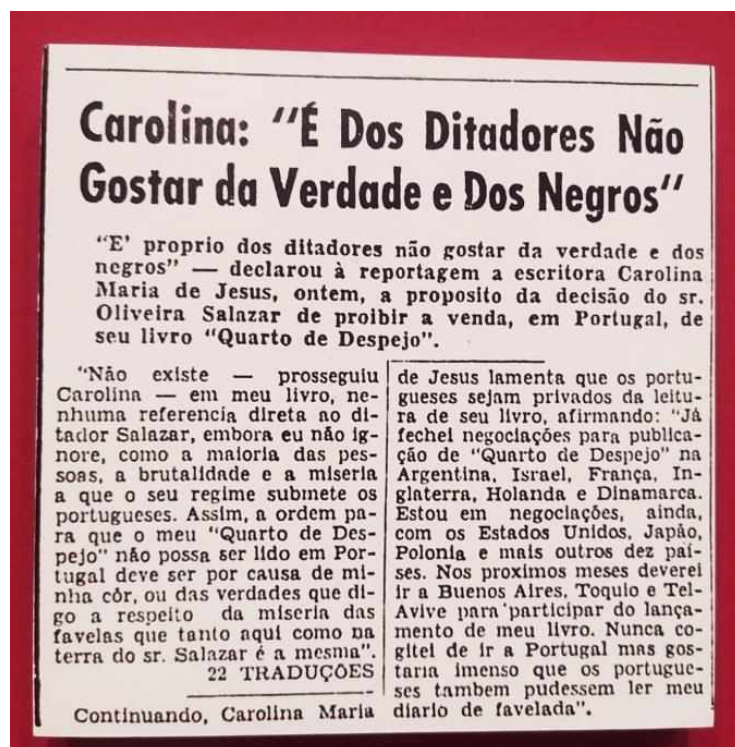
escrevia em seus diários, almejando um dia lançá-los e conseguir comprar uma casa de alvenaria para poder dar melhores condições para os seus filhos.

Em *Quarto de Despejo*, podemos ver a preocupação da escritora em narrar sua verdade sobre os acontecimentos:

Ninguém chama o Valdemar aqui. É que ele já nasceu com o espírito inferior. (...) Se a gente pudesse escrever sempre elogiando! Se eu escrever que o Valdemar é bom elemento quando alguém lhe conhecer não vai comprovar o que escrevi. (JESUS, 2014, p.71)

O livro foi traduzido para 13 idiomas diferentes. Contudo, foi barrado em alguns países, como Portugal, onde eles alegavam que o que Carolina de Jesus escrevia não era a realidade dos fatos. A autora chegou a mencionar em um jornal da época, que era próprio dos ditadores não gostarem da verdade e dos negros. Naqueles anos, António de Oliveira Salazar⁴ governava Portugal sob uma ditadura.

Figura 4 Manchete de jornal em que Carolina Maria de Jesus critica ditadores



Fonte: Exposição "Um Brasil para os Brasileiros", 2022.

⁴ António de Oliveira Salazar nasceu em 28 de abril de 1889. Iniciou sua vida política, em 1921, quando foi eleito deputado pelo Partido Católico. Em 1928, ele se tornou ministro das finanças, dando a última palavra nos orçamentos de todos os ministérios. Em 1930, fundou o único partido que seria permitido durante o seu governo, a União Nacional. No seu governo não liberdade civil e política e uma continuação da política colonialista.

Oliveira Salazar foi um dos presidentes que governou em um período ditatorial e que esteve à frente da presidência de Portugal por 36 anos, governando de 1933 a 1970. Salazar era dono de opiniões conservadoras reservando a mulher ao lar e “fiar lâ” durante as horas vagas.

Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada foi publicado em 1961 e também em formato de diário. Como o próprio nome diz, o livro conta com relatos da vida da autora depois que ela conseguiu sair da favela e ir morar em uma casa de alvenaria em Osasco, São Paulo. Os relatos presentes no livro são desde o momento em que a escritora assinou o contrato para a publicação de *Quarto de despejo*. Nele, ela relata o que aconteceu depois do sucesso do seu primeiro livro, como ela foi recebida pela sociedade literária e como estava vivendo em melhores condições financeiras.

Essa foi uma mudança brusca na vida da escritora que, antes vivendo na favela, em um barraco, passou a viver em uma casa e frequentar ambientes requintados. Ela descreveu os encontros com os escritores famosos e os políticos, cobrindo as angústias e a felicidade da sua nova posição social. Ao frequentar reuniões entre escritores, se sentia totalmente deslocada, chegando a relatar o desconforto que sentiu quando foi em uma festa da escritora Clarice Lispector. Nas palavras da escritora:

Dia 19 eu fui na festa da escritora Clarice Lispector que ganhou o prêmio de melhor escritora do ano com seu Romance “Maça no escuro”. A recepção foi na residência de Dona Carmen Dolores Barbosa. Tive a impressão de que a Dona Carmen não apreciou a minha presença. Eu fiquei sem ação. Sentei numa poltrona e fiquei.

. (...) graças a Deus não fui fotografada. Já estou saindo nos noticiários. Não compareci na sala onde Clarice estava. Não a vi. Não lhe cumprimentei. Serviram refrescos e comestíveis as 23 horas. Retornei a casa pensando no dinheiro que gastei pintando as unhas e pegando condução. Dinheiro que poderia guardar para comprar pão e o feijão para os meus filhos (JESUS, 1996, p. 201).

Em uma atitude otimista, e sem o apoio de editoras, a autora lançou, com recursos próprios, o romance *Pedaços de fome* (1963) e, mais tarde, *Provérbios* (1965), livros que também acabaram não tendo reconhecimento. *Pedaços de fome* fala sobre a fome e a miséria na cidade de São Paulo, a partir das experiências da escritora. O romance conta a história de Maria Clara, uma jovem branca e rica, filha de um coronel, que morava no interior de São Paulo. A jovem acabou se apaixonando por um jovem dentista chamado Paulo e, em um ato de amor, resolveu se mudar para a capital de São Paulo com a promessa de que teria uma vida melhor do que a vida que levava com o pai. Mas, ao chegar à capital, se deparou com uma

realidade muito diferente daquela que Paulo a prometeu, morando em um cortiço na cidade de Guarulhos. A autora explora essa nova realidade da personagem principal, assim como as amizades que Maria Clara faz em seus momentos de dificuldade, encontrando naquele ambiente mulheres pobres e negras em sua maioria que se solidarizam com ela e com seus problemas.

Provérbios têm ensinamentos e pensamentos da autora diante de temas políticos, sociais e pessoais. Nesse livro, ela colocou o seu ideal, como a própria escritora afirmou, com o intuito que seus leitores pudessem refletir com ela diante de suas advertências. No prefácio do livro, a autora nos disse:

Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores, que me vem estimulando, no meu ideal.
 Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado na atualidade.
 Espero que alguns dos meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão. Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gôtas, já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência (JESUS, 1965, p. 7).

Diário de Bitita (1986) foi lançado primeiro na França para somente quatro anos depois ser lançado no Brasil. Quando duas jornalistas que vieram da França entrevistaram a Carolina de Jesus, ela entregou o manuscrito que relatou seus dias de infância e da adolescência. Em francês, o livro tem o título *Journal de Bitita* (1982). Jornais divulgavam o momento em que Carolina estava preparando este livro:

Figura 5 Manchete apresentando a escrita de um novo livro de Carolina Maria de Jesus

**Ela afirma que
não tem saudades
do seu passado
famoso**



Carolina cuida das criações: de manhã, das galinhas e dos porcos, e, à tarde, de mais um livro

Carolina Maria de Jesus prepara um novo livro

SÃO PAULO (O GLOBO) — No pequeno sítio que comprou em Parelheiros, seu único patrimônio, com o êxito de “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus distribui ração para as criações — como fazia há 50 anos atrás, obedecendo às ordens do avô — e prepara um novo livro, “Um Brasil para os Brasileiros”.

— “São coisas de meu tempo de menina, lá em Sacramento. Mas esse vai ser um livro humorístico, que quase nada tem de dramático. Fatos pitorescos que eu vivi, lembranças de meu avô — ele punha ordem na casa — de sua morte, a família se dissolvendo.”

Carolina prefere falar de seu livro — mais uma tentativa para reconquistar a fama e o dinheiro que não soube aproveitar — do que do passado que, ela acha, poderia ter sido mais brilhante. Por isso falar sobre quanto ganhou em direitos autorais é incomoda. Parece que ela sabe, de maneira ainda confusa, que foi enganada. Mas, reconhecer isso publicamente, é um golpe forte demais na sua vaidade:

— “Não sei não. Ainda hoje recebo alguma coisa da França, onde o “Quarto” foi sucesso. Acho que ganhei, na época, uns 40 mil cruzeiros.”

Salto no escuro

Da Favela do Canindé, de onde tirou os dramas que levou para o seu primeiro livro, ela foi morar em Oásico, num barraco. dali, o salto foi grande: comprou uma bela casa e se transferiu para Santana.

— “Mas o dinheiro raramente, as despesas eram muitas. Sente que eu tinha comprado esse pedaço de chão aqui em Parelheiros. Se não fosse isso, não sei o que teria acontecido comigo.”

No seu “pedaço de chão”, Carolina cria porcos e galinhas, mas faz questão de deixar claro que não depende disso para viver:

— “Eu não vendo nenhuma criação, dou de presente para os amigos. Um ou outro porco a gente escolhe para o Natal”.

Vera, sua filha mais nova, no entanto, mais consciente da nova realidade da família — ela é obrigada a andar vários quilômetros para pegar um ônibus e estudar em Santo Amaro — desmente a mãe: a criação é vendida sempre que aparecem pessoas interessadas em comprar. João, o outro filho, também sabe que é assim. Ele saúda a casa.

De seu novo livro, por enquanto, Carolina só tem o título e algumas páginas mal datilografadas pelo pároco de Parelheiros, frei Luis.

— “Ele é italiano e muitas das coisas que eu escrevi não deu para entender. Você vai se encontrar um jornalista amigo que me faça esse trabalho.”

Suas lembranças de infância — ela acredita — servirão de exemplo para a gente pobre, com ela foi e voltou a ser.

— “Tem um capítulo em que conto as coisas que fazia à minha tia. Ela só tinha uma panela e punha as mãos na rabeça, sabendo que teria de acordar lá três da manhã, para cozinhar o feijão, despejá-lo numa vasilha e colocar sobre o fogo para refogar.”

Sem saudades

Orçulussa, Carolina jura que não tem saudades dos tempos em que o dinheiro era fácil, da convivência com gente de alta sociedade, das manchetes nos jornais e revistas, das entrevistas na televisão.

— “Estou bem aqui. Cuido das galinhas, dos porcos e, todo sábado e domingo, abro o bar que fica na beira da estrada, que é meu. O pessoal já sabe: pergunta nada sobre meus livros ou meu passado. É isso que eu quero.”

É possível que seja. Mas a insistência com que nega as “saudades do passado” e com que tenta voltar ao mundo literário parece desnaturalizada. E ela volta ao assunto:

— “Minha neta nasceu há uma semana, o nome ainda não escolhi. Agora, além de escrever, cuidar do sítio, da criação e do bar, tenho outra função: a de avó.”

Fonte: Exposição um Brasil para os brasileiros, 2021.

Nesse jornal, a escritora mencionou que o livro iria tratar de:

- São coisas de meu tempo de menina, lá em Sacramento. Mas esse vai ser um livro humorístico, que quase nada tem de dramático. Fatos pitorescos que eu vivi, lembranças de meu avô — ele punha ordem na casa — de sua morte, a família se dissolvendo.

Marília Novais da Mata Machado (2006) afirma que, nos anos 90, dois professores universitários produziram um livro sobre a escritora, intitulado *Cinderela negra*, e nele foi incluído dois textos inéditos da Carolina. Os pesquisadores se chamam José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. Eles também publicaram *Meu estranho diário* (Jesus, 1996) e *Antologia Pessoaal* (Jesus, 1996) a partir de alguns materiais deixados pela autora.

Vários jornais publicaram reportagens sobre a escritora, tanto a elogiando quanto fazendo críticas aos seus livros. Como o mercado editorial a ignorava, a escritora contou com a ajuda dos jornais para conseguir divulgar suas obras e ganhar seu espaço. Ela chegou a fazer críticas à academia literária devido ao tratamento que recebia, reforçando o preconceito e o racismo que havia dentro de todas as organizações da sociedade. Sobre isso, Carolina de Jesus lançou um poema descrevendo o que passava:

MUITOS FUGIAM AO ME VER

Muitos fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.
(JESUS, 1996)

Apesar de não ter o acolhimento que merecia no Brasil, o exterior via suas obras como símbolo de resistência social. Trabalhos de monografia, dissertações, teses e artigos têm usado cada vez mais seus livros com fonte de pesquisa. A autora também escreveu algumas músicas e poesias. As poesias estão presentes no livro *Antologia Pessoal* (1996).

A vida de Carolina foi repleta de dificuldades, desde quando ela era uma criança. A partir de seus diários, podemos presenciar a escritora vivendo em meio a uma sociedade racista que, a todo momento, tentava “limitá-la”. Muitos empecilhos apareceram durante a sua caminhada, mas a forma como ela lutou para conseguir lançar seus livros é admirável. Ela estava sempre enviando aos editores diferentes seus manuscritos com a esperança de que algum deles aceitasse lançá-los. Sua intenção era vencer as dificuldades que enfrentava. A própria autora afirma isso quando diz que queria, com os seus diários, poder um dia sair da favela e morar em uma casa de alvenaria na cidade.

A sua escrita, enquanto memória e escrita de si, é uma história viva por narrar o que passava. Durante sua breve carreira literária, ela enfrentou muito preconceito e racismo porque a escritora veio da favela e as pessoas brancas não estavam dispostas a aceitá-la em um espaço que eles consideravam seu por direito e que somente eles deveriam ali estar.

CAPÍTULO II: Carolina Maria de Jesus, mulher negra

Durante o período da escravidão, em termos subjetivos, os traficantes de pessoas escravizadas tinham como objetivo destruir as pessoas negras, retirando delas a sua humanidade, com o intuito de os moldar aos seus quereres e vontades. As pessoas mais atingidas por essas práticas violentas e cruéis foram as mulheres negras, que teriam mais contato com os senhores já que elas trabalhariam dentro das casas grandes.

A sexualização das mulheres negras foi um projeto patriarcal que tinha a finalidade de desumanizar essas mulheres para que os homens pudessem as usar da forma que bem quisessem. A filósofa e ativista Sueli Carneiro nos afirma que essa violência sexual colonial é também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossa sociedade, abordando que a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em uma narrativa romanceada, algo que vemos em novelas, livros, filmes e contos.

Nos escritos da Carolina Maria de Jesus, podemos ver um pouco do que as mulheres negras sofreram e sofrem em uma sociedade sexista e racista, que ainda reserva às mulheres negras um papel de submissão, marginalização e opressão. Nos anos 1950, a população era ainda bastante segregada e reservava às pessoas negras atividades que os brancos não queriam realizá-las. Neste capítulo, será abordada como era o Brasil nos anos 1950 e como era ser negro em uma sociedade segregada, racista, sexista e preconceituosa.

2.1 A sociedade brasileira nos anos 1950

A década de 1950 no Brasil, também conhecida como “Anos Dourados”, foi marcada por diversas inovações e progressos para o país. Esperava-se melhores condições de vida, inovações nas cidades, especialmente nas indústrias, assim como modernidade. Contudo, essa modernidade não chegou aos pensamentos conservadores, que continuavam presentes no imaginário coletivo e social e que ainda reservavam às mulheres um lugar de submissão e obediência. Dedicando totalmente ao lar e passando a imagem de santidade e docilidade que era esperado para se conseguir um bom casamento, as moças deveriam ser respeitáveis diante de toda a sociedade.

As mulheres eram obrigadas a assumir esse papel havia muito tempo. Valeria Leoni Rodrigues (2022) aborda que, desde as sociedades mais antigas, as mulheres foram marginalizadas e tratadas como seres incompletos ou como aberrações. Elas tinham suas

vivências destinadas para o homem e o seu papel estava ligado à procriação e aos afazeres domésticos do lar. Em nenhum momento eram vistas como um ser pensante, visto que discursos sexistas enxergavam a mulher por uma pretensa incapacidade de raciocinar como o homem.

Em *Diário de Bitita* (1986) podemos ver um pouco desse pensamento que reservava aos homens todas as boas qualidades, como saber conversar, ser digno e responsável, havendo um estranhamento quando as mulheres possuíam essas qualidades:

Ele dizia:

- Oh! Bitita! Você é tão correta que deveria ter nascido homem. O homem honesto e correto é sol terrestre.

Eu pensava que deveria passar por debaixo do arco-íris, para virar o homem correto para auxiliar os homens. (JESUS, 1896, p.31)

Diversos teóricos evidenciavam em seus escritos o ódio que era destilado contra as mulheres e muitos de seus livros contribuíram para a não aceitação da presença feminina no espaço público, atrasando ainda mais o acesso às oportunidades.

Diversas mulheres foram atingidas por esses pensamentos retrógrados e sexistas, fazendo com que elas não conseguissem alcançar diversos setores, entre os quais o editorial. Elas não conseguiam publicar livros ou qualquer tipo de material escrito utilizando seus nomes verdadeiros. Muitas vezes, a maneira que restava era se esconder atrás de pseudônimos ou publicar com o nome de seus maridos, quando estes permitiam. Aquelas que ousavam escrever as escondidas, quando descobertas pelos seus parentes, eram punidas severamente pela família. Carolina de Jesus descreve a dificuldade para conseguir lançar seus livros, não por falta de esforço da escritora, mas pelo meio editorial que não a ajudava em nada, dificultando toda e qualquer tentativa de edição dos seus livros:

Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me vários endereços de editoras que eu devia procurar (JESUS, 2014, p. 133).

No relato do dia 16 de junho, no livro *Quarto de Despejo*, a escritora mencionou que escrevia peças e apresentava aos diretores dos circos, mas eles diziam: “É pena você ser preta” (JESUS, 2014, p. 64). A escritora dizia não ficar cabisbaixa diante de tal comentário porque amava a sua cor e o seu cabelo rústico. Contudo, podemos ver que as negações aos

seus escritos aconteciam devido a características que não diziam respeito à qualidade do manuscrito, outros fatores são levados em consideração na validação do seu material:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado o que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça que ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64)

A autora ficava à mercê de Audálio Dantas e dos editores. Ela escrevia prosas, músicas, provérbios e romances, mas Audálio Dantas insistia no lançamento de diários, enquanto a escritora queria se aventurar por outros meios literários. A liberdade que os outros autores possuíam também era algo ansiado. Nas palavras da autora:

Fiquei furiosa com a autoridade do Audalio, reprovando tudo, anulando os meus projetos. Dá impressão de que sou uma escrava. Tem dia que adoro o Audalio, tem dia que xingo-o de tudo. Carrasco, dominador, etc. Xingava o Audalio. Ele não me dá liberdade para nada. Eu posso cantar! Posso incluir-me no radio como dramaturga e ele não deixa. (JESUS, 1960, p.32)

Audálio Dantas chegou a se intrometer no que a autora escrevia, advertindo-lhe para deixar de relatar aquilo que fazia os seus textos serem característicos. O relato testemunhal de uma mulher preta que morou na favela não era mais requisitado. Após ela sair da favela, ele a orientou a encerrar sua missão de contar sobre a vida dos favelados:

Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. [...] Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina [...] (DANTAS, 1961, p. 10).

Em *Casa de Alvenaria - diário de uma ex-favelada*, a autora mencionou estar com medo de escrever a realidade dos seus dias atuais. Escrever contra os ricos não parece mais algo fácil: “Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos podem destruir-me. Há os que me pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los” (JESUS, 2021, p. 10). Escrever passa a não ser mais algo fácil, pois muitos ficaram descontentes diante daquilo que era denunciado nos seus diários.

A falta de presença das mulheres na história do Brasil foi algo destacado pela escrita de Carolina de Jesus em seus escritos. Em *Diário de Bitita* e em *Quarto de Despejo* a escritora mencionou seu desejo por ter nascido homem porque ela só via o masculino nas páginas dos livros que contavam a história do Brasil. Também os via como personagens fortes, que iam lutar nas guerras, protegendo as pessoas e os territórios, pelo que ansiava ser forte como eles:

... Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem (JESUS, 2014, p. 53-54).

Diante dessa fala da escritora, podemos presenciar a invisibilidade da história das mulheres e dos seus escritos. A história contada era aquela que privilegiava os grandes homens e os seus grandes feitos, restando às mulheres não aparecerem nos escritos ou, caso aparecessem, seriam na qualidade de esposas, mães, irmãs e filhas, jamais como personagens principais dos acontecimentos.

Foi com a categoria “mulher” que os historiadores começaram a integrar as mulheres na história da humanidade. Algumas feministas alertavam para a falta de personagens femininas na história, entre as quais Andrée Michel(1979) Ela alegava que, apesar das francesas terem ajudado a pôr um fim às guerras coloniais, elas não eram mencionadas. A história trazia apenas os homens e seus feitos, dando ênfase às mulheres apenas quando elas ocupavam cargos de enfermeiras, profissão feminina aos olhos dos homens.

Como Joana Pedro menciona, “pertencer a esta grande narrativa significava, e ainda significa, prestígio” (PEDRO, 2005, p. 83). Nesse fazer histórico, não havia lugar para as mulheres, assim como para todos aqueles que não fossem vistos como importantes e ocupassem papéis que não eram vistos como de destaque.

Se a falta de incentivo à escrita atingia as mulheres brancas, as mulheres negras eram ainda mais atingidas. Francelene Costa de Santana Oliveira(2014) nos afirma que a invisibilidade dos escritos das mulheres negras estava relacionado diretamente ao preconceito, já que a mulher sempre encontrou imposições e limitações para a sua ação dentro da sociedade. Era ignorada no espaço público e privado, deveria ser dona do lar. Temos nos anos

de 1950 a imagem de “boa mãe” instaurada na sociedade, na qual a mulher deveria ser um exemplo de mãe e ficar em casa, cuidando dos seus filhos e dos afazeres domésticos do lar:

Ao longo da história a mulher realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade. Na Europa do século XVIII, discutia ainda “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, 2008, p. 11). Muitos desses pensamentos limitaram a ação das mulheres no tempo e espaço, colocando-as a margem da história. (OLIVEIRA, p.1587, 2014).

A trajetória de Carolina Maria de Jesus nos mostra essa cobrança feita à mulher para que ela fosse uma dona de casa e que tivesse um marido que trabalhasse fora do lar, provendo o sustento para a casa. As mulheres presentes na favela condenavam Carolina por sair todos os dias para catar recicláveis, porque durante o tempo em que a escritora estava nas ruas catando os materiais os seus filhos ficavam sozinhos em casa. Diversos episódios desagradáveis são narrados pela escritora diante da insatisfação das mulheres da favela em relação à educação dos filhos da escritora. Algo que a magoava e irritada, mas que não poderia ser mudado porque, como chefe de família, era ela quem tinha que sair todos os dias para prover o alimento do seu lar:

Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los (JESUS, 2014, p. 16).

A cobrança para que as mulheres fossem obedientes aos homens aparece em *Diário de Bitita*, quando o avô de Carolina bate na sua companheira porque ela pegou roupas para lavar e ganhar algum dinheiro para poder comprar farinha:

O meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a.
Dizia:
- É a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora, sou eu! Se a senhora não sabe obedecer – vai embora! (JESUS, 1986, p. 81).

A escritora relata que a siá Maruca chorou muito e ela ficou pensando que era melhor ser meretriz a viver nessas condições, já que as meretrizes iam aos bailes, vestiam vestidos bons, podiam beijar os homens e não deviam obediência a ninguém. A siá Maruca não podia

trabalhar porque o avô de Carolina não permitia, dizendo que “A mulher depois que se casa deve cuidar apenas dos afazeres domésticos” (JESUS, 1986, p. 80).

Quando conseguiu emergir no mercado editorial, a vida de Carolina não ficou mais fácil. O dinheiro começou a entrar, mas diversas críticas foram feitas a sua escrita e a sua imagem. A sociedade estava acostumada com escritores brancos, bem vestidos e, no caso das mulheres, bem maquiadas e arrumadas. Carolina de Jesus apareceu de uma forma bem simples e inesperada. As primeiras fotos tiradas da escritora para a divulgação de *Quarto de Despejo* a mostravam com roupas surradas, sempre em meio à favela e em frente ao seu barraco. Também estava sempre com um lenço na cabeça, o lenço é uma amarra. É um acessório que escondia o cabelo afro da escritora e a reservava um lugar de subalternidade.

Quando conseguiu ter dinheiro e se arrumar, Carolina passou a aparecer com os cabelos soltos. Sua filha Vera Eunice relatou em entrevistas que sua mãe era extremamente vaidosa, chegando até a confeccionar seus próprios brincos e colares, sendo esta a imagem da Carolina que deveríamos nos apegar. A escritora Conceição Evaristo chegou a mencionar nessa mesma entrevista esperar que a nova geração de escritoras fizesse reflexões sobre o uso do lenço, nos trazendo que as mulheres negras devem usá-lo quando optarem, não por um padrão imposto pela sociedade.

Carolina presenciou desde muito nova a violência doméstica. Ela menciona que cenas de seu tio espancando sua madrinha desmaiada e alcoolizada eram muito frequentes. Nessa citação do livro ela descreve que, quando crescesse não ia querer um homem, ia preferir viver sozinha:

O meu tio espancava a minha madrinha que estava superalcolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que ousava interferir? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer e chorar.
E eu pensava: “Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca, cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha” (JESUS, 1986, p. 86).

A violência doméstica é algo que também aparece com muita frequência no decorrer das páginas de *Quarto de Despejo*. Carolina de Jesus destacou várias vezes que as mulheres moradoras das favelas eram espancadas pelos seus maridos. A partir do momento em que a mulher se casa ela seria obrigada a suportar o seu marido, reforçando o pensamento machista que quer obrigar as mulheres a estarem à mercê dos homens e das suas vontades. A escritora ficava angustiada pelo fato das crianças serem expostas a essas cenas desde muito novas:

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente (JESUS, 2014, p. 14).

Marisa Antunes, Hebe Signorini Gonçalves e Cristiane Brandão propõem que:

As raízes da violência contra a mulher podem ser explicadas pelo patriarcado, ideologia segundo a qual o homem tem autoridade sobre todos os seus subordinados, sejam eles membros da família (esposa, filhos) empregados ou membros da comunidade; detendo o poder de decisão, o homem impõe costumes, desejos e vontades. Nas relações de casal, o patriarcado institui assimetrias de poder, subordinando a mulher ao controle androcêntrico, tendo sobre ela poder e autoridade quase irrestrito (2019, p. 2).

A criminalização e punição destas violências são muito recentes, havendo ainda diversas falhas no processo. Somente em 1994, a convenção do Pará, definiu como violência contra a mulher toda e qualquer conduta baseada em gênero, que cause dano físico, sexual ou psicológico.

Quando adulta a escritora continuou com o mesmo pensamento, ao optar por não se casar. Temos em *Quarto de Despejo* momentos de uma Carolina apaixonada, mas, ao fim, ela sempre optou pelos seus livros, que eram o seu ideal. A escritora acreditava que nenhum homem aceitaria uma mulher que não podia ficar sem ler, o que fala muito do momento e da sociedade em que a escritora pertencia e estava inserida:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 2014, p. 49).

Carolina relatou diversas angústias e sofrimentos que carregava consigo por ser chefe de família e não conseguir um emprego que suprisse as necessidades dela e de seus filhos. Depois de longas jornadas de trabalho, às vezes chegava cambaleando em casa e precisava fazer as pendências do lar, tendo mais do que uma dupla jornada de trabalho. Por ser uma mulher solteira, era constantemente indagada sobre o motivo de não ter se casado. Alegavam que, se ela tivesse feito isso, a sua vida seria mais fácil. No entanto, Carolina demonstrou não estar descontente com o seu estado civil e dizia possuir outras prioridades.

O desespero de só ter a mãe também chegou aos seus filhos que, ao verem a escritora doente, ficaram a vigiando com medo de que ela morresse e os deixasse sozinhos. Eles falavam: “Eu quero ficar perto da senhora, porque quando a morte chegar eu dou uma porretada nela” (JESUS, 2014, p. 158).

Isso nos faz refletir sobre o momento em que Carolina começou a escrever o seu diário. Ela mencionou que seu objetivo era escrever um livro para conseguir dinheiro e, com isso, comprar um terreno para sair da favela. Mas ela também queria narrar o que se passava na favela, desde dificuldades econômicas até a relação com seus vizinhos e outros moradores do lugar. Em suas palavras: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa” (JESUS, 2014, p. 20). A escritora falava do que conhecia e presenciava, sem ter que idealizar.

A escritora Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra, mãe solteira e favelada. A sua condição de mulher preta e pobre foi o que a fez escrever o livro com o intuito de conseguir com ele mudar a sua realidade. O seu livro fez sucesso exatamente por isso, visto que a escritora denunciava uma realidade que nunca havia sido mostrada. Como mencionado, a condição de favelada não é reivindicada, mas denunciada. Ela mostrou as dificuldades diárias de diversas outras mulheres pretas e pobres que viviam as margens da sociedade e essas mulheres viram nos relatos da Carolina os seus próprios relatos, fazendo com que muitas mulheres se identificassem com as situações vividas pela escritora.

2.2 Ser negra no Brasil nos anos 1950

A partir dos escritos de Carolina Maria de Jesus podemos observar um pouco de como era ser negro durante os anos de 1950. Carolina de Jesus foi uma mulher negra e pobre inserida em um contexto de desigualdades e preconceitos. Quando saía para catar recicláveis nas ruas da cidade, era vítima de diversas situações racistas, que foram narradas em seu diário. Carolina tinha como prática escrever todos os dias, os livros eram a sua calma, ler contos e histórias também fazia parte da sua rotina, era seu momento de desabafar diante das situações difíceis que passava. A escritora gostava de escrever do lado de fora do seu barracão, sentada ao sol para espantar o frio, levando em consideração que o barracão era úmido e pouco arejado. Em um dos relatos ela mencionou que, certa vez, uma criança passou e, quando a viu, disse: “Está escrevendo, negra fedida” (JESUS, 2014, p. 26). A escritora disse que a mãe da criança viu, mas que não corrigiu sua filha. Muitos moradores da favela

não estavam contentes com o que ela escrevia, já que não queriam que fossem expostas muitas das coisas que ali se passavam.

Ser sensível e frágil não eram características permitidas às mulheres negras, porque elas eram expostas a toda forma de exploração, tanto braçal quanto sexual. Elas nunca estiveram sob o jugo protetor do masculino. Então eram destinadas aos trabalhos fora de casa, enquanto as mulheres brancas deveriam ficar em casa e exercerem os serviços domésticos, caso não tivessem condições de contratar uma mulher negra para realizá-los. As mulheres negras exerciam diferentes atuações dentro da sociedade. A elas estavam reservadas, principalmente, às atividades domésticas nas casas das famílias brancas. A mãe de Carolina de Jesus era uma dessas mulheres e mais tarde ela também foi uma dessas mulheres empregadas domésticas. Darcy Ribeiro(1995) aborda que:

Examinando a carreira do negro no Brasil se verifica que, introduzido como escravo, ele foi desde o primeiro momento chamado à execução das tarefas mais duras, como mão-de-obra fundamental de todos os setores produtivos. (...). Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via unguído a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e na cultura e no mundo cultural, que se tornavam seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava sendo principalmente o de animal de serviço (RIBEIRO, 1995, p. 232).

Apesar de não concordar de todo com essa comparação ao animalesco, no sentido mesmo do uso do vocábulo e do que ele pode negar acerca das formas de resistência, é interessante observarmos como, para Darcy Ribeiro, a exploração econômica e a exclusão social estão na origem dos problemas raciais em nosso país. Algo que marcou a escritora durante a sua infância foi a violência policial. Ao acompanhar sua mãe em um dos seus trabalhos, ela viu a mãe dela ser presa enquanto lavava roupas de uma família. Ela mencionou ficar completamente calada diante do ocorrido, pois estava com medo de que os soldados batessem nela com o chicote de borracha. Quando chegou em casa e contou para o seu irmão, ele ficou desesperado, enquanto Carolina ficou a pensar que apenas as pessoas pretas eram presas. Não temos conclusões sobre o que aconteceu para a mãe dela ter sido presa, mas muitas foram às páginas em que a escritora relatou o abuso policial e a desumanização dos corpos negros:

O fato que me horrorizou foi ver um soldado matar um preto. O policial deu-lhe voz de prisão; ele era da roça, saiu correndo. O policial deu-lhe um tiro.

A bala penetrou dentro do ouvido. O soldado que deu-lhe o tiro sorria dizendo:

- Que pontaria que eu tenho!

Com o pé, ele movia o corpo sem vida do infausto e dizia:

- Ele deve ser baiano.

E eu fiquei pensando nos baianos que eram obrigados a deixar a Bahia porque lá não chove e serem mortos pelos policiais. Será que ele tem mãe? Quem é que vai chorar por ele? Ele não brigou, não xingou, não bebeu pinga. Não havia motivo para mata-lo. Quando o delegado chegou, olhou o morto, e mandou sepultá-lo. E tudo acabou-se (JESUS, 1986, p. 112).

A cena nos mostra como as pessoas negras eram tratadas pelas forças policiais, sempre como culpados e suspeitos, considerados os malandros que fizeram algo de errado. A escritora seguiu refletindo sobre o acontecido. O soldado que matou o homem era branco. Carolina mencionou ter ficado com medo quando olhou pra sua pele negra e perguntou-se, “Porque será que o branco pode matar o preto?”.

A infância de Carolina também foi narrada. Ela relatou que apanhava muito quando criança, da mesma forma que ouvia muitos xingamentos racistas como forma de reprimenda, nos mostrando como a violência e o racismo estavam presentes na criação das crianças negras. A escritora e ativista feminista Bell Hooks (2019) tratou sobre essa violência utilizada na criação dos filhos em várias comunidades negras, que acabam perpetuando seu uso. Desta forma, havia a aceitação geral da violência por parte de muitas pessoas que continuavam a utilizá-la, muitas vezes para resolver crises ou problemas que enfrentavam em casa, não sendo raro que mulheres negras sejam violentas ou verbalmente abusivas umas com as outras. Isso acontece por causa da violência sofrida pelas mulheres negras que, ao olharem umas para as outras, se viam nas outras mulheres e as tratavam como eram tratadas pela sociedade em geral.

Ser uma mulher negra e escritora não era fácil para as mulheres negras nos de 1950. Depois de tantas adversidades sofridas, em um poema escrito depois do lançamento de *Quarto de Despejo*, Carolina denunciou o que passava dentro da academia literária, sendo invisibilizada pelo setor editorial, assim como não sendo muito bem tratada em meio aos demais escritores, destacando no poema que só queria morar em um país onde o preto pudesse ser feliz.

Carolina de Jesus tem uma infância humilde, rodeada de pessoas negras e pobres. Ela relatou em *Diário de Bitita (1986)* que tinha três madrinhas de batismo: uma preta, uma mulata e uma branca. Ao ver a madrinha branca ela mencionou que ficou pensando que ela agora era importante porque tinha uma madrinha branca como madrinha de batismo, nos

mostrando o status social das pessoas brancas, que eram vistas como importantes e poderosas diante das outras pessoas da sociedade.

Diversas foram às cenas de assédio direcionadas contra as pessoas negras narradas por Carolina de Jesus. Uma em específico foi narrada em *Diário de Bitita*, na qual o filho de um juiz assediou meninas negras apertando os seios delas. Todos ficaram calados diante do que aconteceu, com medo do pai do rapaz, mas Carolina não teve medo e contou o que havia acontecido: “Este ordinário vive pegando no seio das meninas pobres, aperta e deixa elas chorando mas em mim você não vai encostar as suas mãos” (JESUS, 1986, p. 28). A mãe de Carolina tentou fazê-la ficar calada, algo que não conseguiu, ao que ela disse:

- O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco que predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao maestro da orquestra. O branco tem que andar na linha (JESUS, 1986, p. 29).

Durante a escrita de *Quarto de Despejo*, essa superioridade branca também foi descrita. A escritora apresentou os brancos como pessoas dominadoras, dominando o mundo e tudo o que nele existe: “o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca” (JESUS, 2014, p. 70). O racismo sofrido pela escritora está presente em muitas páginas do diário. Em certo trecho, Carolina relatou que foi a uma casa buscar alguns jornais que uma mulher havia lhe dado. A mulher morava em um apartamento e, para isso, a escritora teve que fazer uso do elevador. Mas, ao entrar, encontrou um morador que ficou incomodado com a sua presença no local, lançando a ela olhares de superioridade:

Ela deu-me um saco de papeis. Os dois filhos dela conduziu-me no elevador. O elevador em vez de descer, subiu dois andares. Mas eu estava acompanhada, não tive receio. Fiquei pensando: a gente fala que não tem medo de nada, as vezes tem medo de algo inofensivo. No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnancia. Já estou familiarisada com estes olhares. Não entristeço. Quiz saber o que eu estava fazendo no elevador (JESUS, 2014, p. 111).

A menção da escritora ao não sentir medo porque estava acompanhada, mas ao mesmo tempo refletir que, às vezes, temos medo de algo inofensivo, nos faz atentar para o fato de que não devem ter sido poucos os momentos em que a escritora sentiu medo ao andar pelas ruas de São Paulo sozinha em busca de recicláveis para poder trocar por dinheiro e conseguir a comida que ela e os seus filhos ingeririam naquele dia.

A sexualização das mulheres negras é algo descrito pela escritora. Ela mencionou que os portugueses iam nas favelas com o intuito de vender carne de vaca. Mas, às vezes, quando encontravam mulheres negras, ofereciam um pedaço de carne caso elas o aceitassem:

Quando cheguei na favela tinha um português vendendo miudo de vaca. Comprei meio quilo de bucho. Mas eu não gosto de negociar com português. Eles não tem educação. São obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando em explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de fígado se ela lhe aceitasse. Ela não quis. Tem preta que não gosta de branco. Ela saiu sem comprar. Ele deixou de vender por ser atrevido (JESUS, 2014, p. 93).

A objetificação e sexualização do corpo da mulher negra também foi narrado em *Diário de Bitita* (1986), quando a escritora mencionou o que os filhos dos patrões das mulheres negras faziam com as suas filhas:

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram além-mar (JESUS, 1986, p. 34).

A estereotipização dos afro-brasileiros acontecia e ainda acontece em vários espaços, como na literatura e na música popular. Eles têm os seus corpos envoltos em histórias sexuais, seus corpos são usados e abusados, sendo sempre atrelados a pessoas sensuais. Florentina Sousa nos conta que a mulher negra era reduzida apenas a quadris e genitálias “anormais”. Eram associadas a doenças, assim como à corrupção e à fonte de perversidade. Assim havia o desenvolvimento de fantasias com os corpos negros, que mantém intactas as hierarquias e a supremacia da “cultura branca” (SOUSA, 2011).

A escritora mencionou que as mulheres não podiam nem dizer os nomes dos homens que brutalizaram suas filhas porque, muitas das vezes, ficavam grávidas. Com mais uma boca para comer, não poderiam correr o risco de serem demitidas. Infelizmente, a maioria dessas jovens mães solteiras se suicidavam ou morriam de tanto chorar por não conseguirem superar o trauma que sofreram (JESUS, 1986).

A prostituição de meninas negras aparece com muita frequência, tanto em *Quarto de Despejo* quanto em *Diário de Bitita*. A escritora mencionou que muitos pais obrigavam suas

filhas a venderem seus corpos como forma de ajudarem no sustento do lar e conseguirem melhores condições de vida:

Com as dificuldades que os pais encontravam para viver, porque a pobreza era a sua redoma funesta, alguns pais, incientes, obrigavam suas filhas a ser meretrizes. Visando enriquecer por intermédio das filhas, jovens desnutridas, que eram obrigadas a passar as noites bebendo bebidas geladas ou vagando pelas ruas procurando um admirador. Algumas ficavam infectadas, com doenças venéreas e morriam com dezoito anos. Eram flores que não encontravam vasos de cristais para exhibir os seus esplendores. Flores que não encontraram o adubo da sua vida, que é a felicidade (JESUS, 1986, p. 95-96)

A prostituição também acontecia nas favelas brasileiras, como a escritora mencionou que: “... A. I. e a C. estão começando a prostituir-se. Com os jovens de 16 anos. É uma folia. Mais de 20 anos atrás delas” (JESUS, 2014, p. 137). No decorrer da narração Carolina mencionou que essas duas jovens não completaram nem 18 anos, mas que iniciaram a vida de uma forma triste.

As discriminações apareciam até mesmo no horário das missas. A escritora mencionou que as pessoas negras não podiam frequentar a missa no mesmo horário que as pessoas brancas, havendo horários distintos para os dois grupos. Os pobres e os negros assistiam a missa juntos, às seis horas. As mulheres ricas e bem casadas assistiam a missa às oito e as mocinhas assistiam a missa às dez. Elas podiam ir com os namorados, caso eles quisessem ir. Muitos são os episódios em que podemos presenciar o racismo contra as pessoas negras, havendo pessoas que nem queriam sentar à mesa se uma pessoa negra estivesse nela.

Muitas eram as famílias que pegaram crianças negras para criar com o intuito de transformá-las em seus serviçais. A escritora mencionou que muitas mulheres negras eram obrigadas pelos seus maridos a trabalharem como empregadas domésticas e o dinheiro que elas recebiam deveria ser dado a eles, vivendo como suas concubinas e escravas indiretas.

Quando estava procurando recicláveis, ela às vezes se deparava com pessoas que ficavam agressivas, pois não queriam dividir os materiais que tinham encontrado. A escritora relatou a necessidade de se fazer parecer mais perigosa que eles, com o intuito de não ser agredida quando estes tentavam avançar:

-,Por eu ser maloqueira é que você não deve mecher comigo. Eu estou habituada a tudo. A roubar, brigar, beber. Eu passo quinze dias em casa e quinze dias na prisão. Já fui sentenciada em Santos. Eles fez menção de agredir-me e eu disse-lhe:

- Eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira (JESUS, 2014, p. 82).

Não se incomodar pelos olhares cheios de sentimentos ruins destinados a ela também foi algo narrado. A escritora era acostumada a ouvir comentários ruins sempre atrelados a sua raça. Não foram poucas às vezes em que escutou as pessoas que moravam na favela a chamando de “Negra fidida” (JESUS, 2014, p. 97) ou “Negra suja. Ordinaria. Vagabunda. Lixeira” (JESUS, 2014, p. 98). A escritora mencionou não ter paciência, chegando a xingar a pessoa de volta e jogar vidro nelas. Carolina claramente ficava triste diante dos comentários. Ela mencionou que não tinha sabão para se lavar ou lavar as suas roupas e de seus filhos. Desta forma, andar suja era algo rotineiro para a escritora. Ao decorrer do diário ela escreveu que feder era algo normal para alguém que trabalhava como ela, carregando mais de 100 quilos de papel: “Quem trabalha como eu tem que feder!” (JESUS, 2014, p. 136).

Comentários racistas eram ouvidos pela escritora desde quando ela era criança. Em *Diário de Bitita* ela se recordou de como a xingavam, quando queriam brigar com ela: “Negrinha! Negrinha fedida” (JESUS, 1986, p.92). “Cabelo pixaim! Cabelo duro!” (JESUS, 1986, p. 92). Ela relatou lutar constantemente contra os seus cabelos, mas que era uma luta inútil, pois eles não cresciam, algo que a escritora não percebia graças ao fator de encolhimento que os cabelos cacheados e crespos possuem. Ela se referiu a um pente de ferro que as mulheres negras eram obrigadas a usar:

Um dia, a minha mãe mostrou-me um pente de ferro dizendo que os sinhôs obrigavam os escravos a pentear os cabelos com aqueles pentes. Porque o cabelo do negro é rústico. Que pente horrível. Arrancava todo o cabelo (JESUS, 1986, p. 78).

Isso acontecia diante da vontade de embranquecer as pessoas pretas, as moldando à imagem das pessoas brancas, retirando suas características naturais. Carolina mencionou um momento em que trabalhou para uma senhora e ela prometeu comprar remédios para que ficasse branca e seus cabelos lisos, mudando também o formato do seu nariz que continha traços negroides:

- Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz (JESUS, 1986, p. 134).

A mulher sabia claramente que não poderia fazer essas coisas que estava prometendo à Carolina, mas se aproveitou do desejo da menina por ser branca e viver como os brancos viviam. A escritora relatou que foram só promessas vazias, já que trabalhou seis meses para a senhora e não recebeu nada. Mas não podia protestar porque sua mãe lhe disse que protesto não era algo ao dispor dos pretos.

A partir dos escritos de Carolina de Jesus podemos perceber um pouco de como era ser uma mulher negra nos anos de 1950, estando exposta ao racismo, sexismo e preconceito de classe. Carolina narrou com propriedade o que as pessoas negras, pobres e faveladas passavam naqueles anos, assim como todos os episódios desagradáveis a que eram submetidas e que precisavam enfrentar.

A sexualização das mulheres negras foi algo constantemente narrado, se fazendo presente na vida da escritora desde a infância, quando ela via meninas negras chorando porque algum homem as tinham tocado, assediado ou até mesmo abusado. Um exemplo disso foi o episódio narrado, em que o rapaz apertava os seios das meninas negras e a maioria das pessoas negras não tinham confiança de denunciar, visto que todos os mais altos cargos eram ocupados por pessoas brancas e nada faziam.

O silenciamento e abuso das pessoas negras era – e ainda tem sido – imposto de diferentes formas, de modo que as pessoas negras não se sentiam seguras para denunciar os abusos e as violências que passavam. Isso é algo bastante problemático porque os negros não se viam ocupando os cargos mais desejados e bem vistos da sociedade. Esse processo de exclusão impõe desigualdades sociais, as quais Maria Carolina de Jesus teve que enfrentar ao longo de sua vida.

CAPÍTULO III: Carolina Maria de Jesus e a favela

O que mais nos choca nas páginas escritas por Carolina de Jesus é o relato da fome. Não uma simples fome que aparece no espaço de tempo entre as refeições, mas aquela em que a pessoa pensa em se suicidar por não mais aguentá-la. Não foram poucas as páginas em que a palavra fome apareceu nos diários, como na vez que sentenciou: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu luto contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2014, p. 32).

A favela aparece como um ambiente abandonado, descrita pela escritora como o quarto de despejo da casa, onde tudo que não serve mais é depositado. Em suas próprias palavras:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as úlceras. As favelas (JESUS, 2014, p. 85).

Carolina aparece trazendo o cotidiano dos favelados, como eles passavam seus dias e como conseguiam algum sustento para o seu lar. Grandes foram as dificuldades narradas pela escritora. O relato da fome assustou no primeiro momento em que foi lançado, porque ela narrou uma realidade, como ela mesma disse, ela contou as agruras da vida dos favelados.

Maria Carolina de Jesus narrou diversas questões pertencentes as pessoas que viviam às margens da sociedade, em condições nada agradáveis e que não recebiam nenhum tipo de ajuda do Estado, sendo abandonas a própria sorte. Neste capítulo, será abordado quem era Carolina do ponto de vista socioeconômico, isto é, em quais condições sociais ela viveu.

3.1 Ser pobre no Brasil nos anos 1950

Carolina de Jesus morou na antiga favela do Canindé por 11 anos, que estava situada às margens do rio Tietê. As condições das moradias descritas pela escritora eram péssimas. Ela relatou que o barracão era pequeno, sendo um martírio até para ela varrer. Pulgas atormentavam sua vida com frequência. No teto haviam goteiras porque o seu barracão era coberto por papelão que, quando chovia, se desmanchava. O chão era de terra e não havia vaso ou água encanada. O vaso noturno tinha que ser esvaziado com frequência e a única água disponível estava em uma torneira, em que todos os moradores da favela tinham que enfrentar

filas todas as manhãs para pegar água. Algo que também não era fácil, visto seu relato de que o redor da torneira ficava cheio de fezes e dejetos com frequência. Assim como havia moradores que se achavam donos da torneira e atrapalhavam o momento em que outros moradores iam pegar água, tentando proibir uns aos outros de pegar água. Ela relatou o caso de um homem que dificultava essa atividade:

Hoje eu amanheci rouca. Era 4 horas quando eu fui pegar água, porque o tal Orlando Lopes disse que não deixa eu pegar água. Puis água para fazer café. Estou só com 18 cruzeiros. Estou tão triste! Se eu pudesse mudar desta favela! Isto é obra do Diabo (JESUS, 2014, p. 176).

Nos meses de chuva a favela ficava atolada com lama e o nível do rio subia. Procurar recicláveis pelas ruas se tornava um tormento porque os papéis molhavam e a locomoção era dificultada. O cheiro da favela também não era agradável. A escritora relatou que lixos eram jogados na favela, poluindo o ar. Em suas palavras: “O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga” (JESUS, 2014, p. 47). A favela foi literalmente descrita como o chiqueiro de São Paulo, não havendo nenhum tipo de projeto social que ajudasse as pessoas a viverem em condições mais razoáveis. Os jovens ficavam jogados ao acaso se metendo em todo tipo de coisa errada. Como Darcy Ribeiro(1995) afirma:

Nas camadas mais pobres se podem distinguir famílias se esforçando para ascender e outras tantas soterradas cada vez mais na pobreza, na delinquência e na marginalidade.
As classes sociais brasileiras não podem ser representadas por um triângulo, com um nível superior, um núcleo e uma base. Elas configuram um losango, com um ápice finíssimo, de pouquíssimas pessoas, e um pescoço, que se vai alargando daqueles que se integram no sistema econômico como trabalhadores regulares e como consumidores. Tudo isso como um funil invertido, em que está a maior parte da população, marginalizada da economia e da sociedade, que não consegue empregos regulares nem ganhar o salário mínimo (RIBEIRO, 1995, p. 213).

Carla Akotirene aborda que um dos objetivos da interseccionalidade é entender essa aflição imposta ao negro de que ele é perigoso e violento, já que qualquer misógino poderia violentar uma mulher seja ela branca ou negra, rica ou pobre, entendendo que “a vulnerabilidade de um, surge mediante a presença desconfiada do outro” (AKOTIRENE, 2019, p. 42).

Carolina de Jesus apresentou a favela à população que não tinha informações de como esses ambientes funcionavam ou como as pessoas de lá sobreviviam. Denunciou as condições que as pessoas da favela tinham que enfrentar para poder sobreviver naquele ambiente, sem

poder fazer muitas escolhas de como funcionaria seus dias. A favela aparecia como um ambiente insalubre, de modo que a escritora sempre se pegava imaginando como seria um dia sair e não ter que voltar à favela. Algo que ela não podia porque, além de não ter pra onde ir, ela tinha seus filhos lá.

Os escritos dão visibilidade a questões que não possuíam visibilidade. Carolina de Jesus descreveu como o sistema social não se importava com os favelados, mencionando uma campanha que foi realizada na favela, pela Prefeitura de São Paulo, com o intuito de orientar os moradores sobre as bactérias que existiam nas águas da lagoa e que podiam causar doenças. A água era utilizada pelos moradores para lavar roupa, tomar banho e entre outras coisas, uma vez que não havia água encanada. Contudo, a escritora relatou que, além de não ser dado remédios para aqueles que já estavam infectados, a questão da água também não foi solucionada:

... Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O serviço de Saude do Estado disse que a agua da lagoa transmite as doenças caramujo. Vieram nos revelar o que ignoramos. Mas não soluciona a deficiencia da agua (JESUS, 2014, p. 80).

A favela ficava superlotada cada vez mais rápido, chegando muitas famílias para fazerem seus barracões ao redor do rio Tietê. A fila para pegar água ficava cada vez maior, sendo necessário ir para a fila de madrugada. A escritora relatou a existência de crianças crescendo sem nenhum tipo de estrutura social, restando a elas atividades nada qualificadas. Ela também narrou a ocupação de terrenos da Prefeitura, algo que ainda acontece nos dias atuais, com pessoas que não têm condições financeiras, fazendo seus barracões em terrenos públicos.

A origem das favelas aparece atrelada ao fim da escravidão, quando pessoas marginalizadas começaram a se juntar com outras em igual situação. No final de 1940, estima-se que havia mais de 50 mil sujeitos morando em favelas em diferentes lugares do país. As favelas abrigavam uma gama multicultural enorme, com pessoas que vinham, sobretudo, do norte-nordeste, mas também de outras regiões do país, como o sul e o centro-oeste. Os barracos de Canindé tiveram início com um projeto de “limpeza” do centro da cidade, quando o governador enviou caminhões para levarem os moradores de rua para as margens do rio Tietê, dando origem a favela do Canindé. Os moradores foram deixados naquele ambiente e lá se fixaram, mas não houve o desenvolvimento de políticas públicas preocupadas com a inserção social dessas pessoas. (SANTOS; BORGES, 2013).

Isso foi algo que não deixou felizes os vizinhos de alvenaria, como Carolina os chamava, visto que os moradores daquela região não gostaram de terem “favelados” morando ao seu lado. Sempre os tratavam com desconfiança, insinuando que favelados eram ladrões e viviam como porcos, levando em consideração os barracões de madeira com piso de terra que possuíam para morar, já que era a única opção disponível. Darcy Ribeiro aborda que, mais do que preconceito de raça ou de cor, os brasileiros têm arraigado o preconceito de classe. Ao que acrescentaríamos o encontro dos dois preconceitos, na chave da interseccionalidade, no qual raça e classe se somam nos processos de preconceito e exclusão social. Em suas palavras:

Acresce, ainda, que, conforme assinalamos repetidamente, mais do que preconceito de raça ou de cor, têm os brasileiros arraigado preconceito de classe. As enormes distâncias sociais que mediam entre pobres e remediados, não apenas em função de suas posses mas também pelo seu grau de integração no estilo de vida dos privilegiados – como analfabetos ou letrados, como detentores de um saber vulgar transmitido oralmente ou de um saber moderno, como herdeiros da tradição folclórica ou do patrimônio cultural erudito, como descendente de famílias bem situadas ou de origem humilde -, opõem pobres e ricos muito mais do que negros e brancos. (RIBEIRO, 1995, p. 236).

A relação dos moradores da favela do Canindé entre si também foi descrita pela escritora, havendo diversos desentendimentos entre as pessoas que lá viviam. Há de se pensar que, por serem pessoas vivendo nas mesmas condições marginais, elas desenvolviam vínculos e laços sociais. Mas os desentendimentos decorriam de diversas situações diferentes, que sempre acabavam em conflito, muitos com a polícia tendo que ser acionada para apaziguar os ânimos da situação. Carolina de Jesus narrou vizinhas jogando sacolas com fezes em sua casa e em seus filhos; ela doente sem receber assistência dos seus vizinhos; o roubo de coisas de dentro dos barracões, destacando que roubaram sua machadinha enquanto ela saiu um dia; e até pessoas queimando os seus sacos de papéis que ela juntava para poder trocar por dinheiro e poder comprar comida.

Alimentos podres são levados por caminhões e despejados na favela, algo que a escritora criticou veemente, alegando que os preços dos alimentos eram muito altos. Eles não conseguiam vender devido aos custos de vida e, mesmo assim, não baixavam o preço, segurando o alimento até ele vencer e depois jogando na favela, mesmo sabendo que as crianças famintas não iam deixar passar, os tratando como animais:

Hoje jogaram um caminhão de melancia perto do rio.

Não sei porque é que estes comerciantes inconscientes vem jogar seus produtos deteriorados aqui perto da favela, para as crianças ver e comer.
 ... Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que os Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fê. E nós, pela fome! (JESUS, 2014, p.146)

Comer alimentos estragados, infelizmente, fazia parte da rotina dos moradores da favela. Muitas são as páginas em que a escritora relatou que a refeição do dia foi retirada do lixo, algo que ela nem conseguia não fazer mais, sempre que passava por uma lixeira tinha que verificá-la. Ela escreveu que “a epoca atual não é de ter preferencia e nem nojo” (JESUS, 2014, p. 67) A época em questão é o governo do Juscelino Kubitschek, o qual a escritora também mencionou no diário. Em suas palavras:

Despertei. Não adormeci mais.
 Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme.
 Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: - “Não chores por mim. Choraes por vós.” – suas palavras profetizava o governo do senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome.
 Você já viu um cão quando quer segurar a cada com a boca e fica rodando sem pega-lá?
 É igual o governo do Juscelino (JESUS, 2014, p.134).

Interessante relacionarmos que, ao escrever os seus diários, Carolina almejava denunciar tudo o que passava morando na favela e vivendo nas condições desumanas que todos os sujeitos chamados de favelados eram obrigados a viver. Ela narrou que muitos viviam com dificuldades, mas apenas ela tinha coragem de denunciá-las, alegando que o povo não sabe revoltar-se diante das condições em que vivem:

O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir no Palacio do Ibirapuera e na Assembleia e dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país.
 Eu estou triste porque não tenho nada para comer.
 Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome (JESUS, 2014, p. 129).

Carolina trouxe diversas opiniões sobre a política, chegando a aparecer como personagem de destaque. Nesse sentido, candidatos escolheram o seu barraco para visitar e pedir para que ela fizesse discursos em favor deles. O que faz sentido considerando-se que ela é uma das poucas naquele ambiente que possui alguma escolaridade, mas também se leva em

conta seu gosto pela leitura e pelas palavras: “... Lavei o assoalho porque estou esperando a visita de um futuro deputado e ele quer que eu faça uns discursos para ele” (JESUS, 2014, p. 35). Contudo, a escritora não fez comentários bajuladores trazendo aquilo que pensava, mesmo que fosse perseguida por isso.

Uma das partes mais famosas de *Quarto de Despejo* foi quando ela disse que os políticos só lembravam dos favelados de quatro em quatro anos e que, quando apareciam na favela, faziam mil e uma promessas de mudar a sua situação, mas, quando ganhavam, se esqueciam deles, se divorciando do povo e esquecendo tudo aquilo que prometeram:

... Quando um politico diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na politica para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (JESUS, 2014, p. 38).

Ela inseriu suas opiniões políticas no diário, nos trazendo a informação que quem deve dirigir o país é alguém que já conheça a fome, pois só quem conhece essa situação se compadecerá do povo que enfrenta essa situação precária:

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos politicos açambarcadores (JESUS, 2014, p. 39).

O Estado e os governantes são interrogados a todo momento durante a escrita do diário: será que falta verba do Estado? O Brasil é um país rico então por que boa parte da população passa fome? A escritora menciona um homem que se suicidou por não aguentar mais viver passando necessidades. O que era uma vergonha para uma nação as pessoas se matarem por estarem famintas. Diversas vezes a autora mencionou estar injuriada com a vida que levava. A maioria dos seus dias ela estava nervosa porque a busca por alimento era uma luta diária, que não lhe dava trégua ou lhe deixava descansar, porque se ela ficasse um dia em casa seria um dia de fome. O que podia acontecer até quando ela passava o dia na rua e não conseguisse encontrar nada.

Diversas e diversas são as páginas em que temos uma Carolina fragilizada porque estava com fome. Dormir também não era algo que a escritora conseguisse fazer facilmente, já que pessoas com fome não dormem, não pensam, não são felizes, não conseguem fazer

praticamente nada. Desta forma, o “o povo brasileiro só é feliz quando está dormindo (JESUS, 2014, p.137). Mas, talvez, nem dormindo fossem felizes. Tocante é a página em que a autora, ao visitar uma amiga e sentir o cheiro de comida, começou a chorar pensando nos seus filhos que iam gostar daqueles alimentos que a sua amiga estava fazendo.

A fome é uma companheira amarga, mas que acompanhou Carolina e seus filhos por muitos anos. Ela narrou com propriedade o aumento do preço dos gêneros alimentícios, trazendo a informação que os preços aumentavam igual às ondas do mar. Problematizou que o dinheiro deveria ter mais valor que os alimentos, o que não acontecia, visto que os alimentos tinham mais valor que o dinheiro.

Já que isso não acontecia, os moradores das margens precisavam sobreviver como dava, catando alimentos nos lixos, pegando ossos nos frigoríficos, colhendo algumas verduras por aí, chegando a ter mulheres que pegavam carnes podres que eram jogadas fora. Foi com grande amargura que Carolina de Jesus narrou a promessa aos filhos que eles não iam comer mais comida achada no lixo, mas que ela não conseguiu honrar essa promessa por não ter onde buscar alimentos.

A inércia na busca por empregos não é algo que se possa acusar Carolina de Jesus de fazer, uma vez que ela mencionou algumas vezes estar saindo para procurar uma vaga em qualquer lugar, mas acabava não encontrando nada. Algo muito interessante narrado pela autora foi quando um padre foi visitar a favela em um carro de som, dizendo que os favelados precisavam ter filhos, algo que ela não concordava. Os “favelados” não conseguiam nem comida para comer, para que iriam colocar mais crianças no mundo? Nas palavras da escritora:

... De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos – se filhos de pobre tem que ser operario? Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos. E eles podem comer o que desejam (JESUS, 2014, p. 142).

A autora indagou, e ela mesma respondeu: os pobres devem ter filhos para serem operários, para que eles pudessem trabalhar para os ricos nas atividades que estes não queriam trabalhar ou não precisavam realizar.

Carolina Maria de Jesus narrou uma realidade cruel e que ganhou espaço justamente pelo aspecto horrível que os moradores das favelas viviam, sendo expostos a diversas doenças e problemas sanitários porque a favela não possuía saneamento básico ou qualquer tipo de

cuidado. O risco de acidentes também é algo presente porque moravam em barracos que não tinham nenhuma estruturação de segurança. Eles eram feitos de tábuas, ferros, papelão, tudo que achassem e que pudesse ajudar na construção do seu barraco. Não havia segurança na construção, que poderia cair durante chuvas forte.

Do ponto de vista socioeconômico, Carolina de Jesus foi uma mulher negra, mãe solteira e favelada, trazendo as decepções e dificuldades que uma mulher favelada passava. Ela denunciou o pouco caso do Estado, a falta de políticas públicas no trato com os favelados, a fome e a miséria, nos mostrando como os habitantes que viviam às margens eram tratados com pouco caso pelo Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina de Jesus nos apresentou como as pessoas negras e pobres viviam no século XX. A sua experiência de mulher negra é de extrema importância, uma vez que o sexismo tem atingido diretamente as mulheres negras que foram abusadas e sexualizadas historicamente. Os seus relatos nos fazem ter conhecimento como viviam as pessoas negras brasileiras nos anos de 1950, sendo sexualizadas, inferiorizadas e destinadas a trabalhos que as pessoas brancas não queriam realizar, ou não se achavam dignas de fazer, mostrando o seu senso de superioridade em relação às pessoas negras.

As mulheres negras trabalhavam fora do lar, vendendo comida nas ruas, trabalhando nas lojas das cidades, também eram domésticas e babás, sustentando suas famílias sozinhas. Carolina de Jesus destacou como as pessoas negras enfrentavam dificuldades no meio editorial, que era ocupado principalmente pelas pessoas brancas de classes abastadas e que não tinham nenhuma intenção de deixar as pessoas negras acessarem o seu espaço, atrapalhando e silenciando as suas obras e as suas denúncias sociais.

A escritora enfrentou diversos preconceitos em relação a sua imagem e a sua escrita por não seguirem a norma culta da língua e, assim, apresentar erros gramaticais. Algo que a escritora tratou de corrigir estudando e lendo o dicionário para melhorar sua ortografia. Mesmo assim, depois do sucesso de *Quarto de Despejo*, ela foi silenciada e as suas outras obras não chegaram nem perto do sucesso alcançado do seu primeiro livro. Por isso, é importante lembrá-la como escritora de diversas obras, não apenas de um livro, tendo crescido o número de pesquisadores que se dedicam a estudar seus manuscritos.

Carolina de Jesus aparece como uma figura de destaque com um relato testemunhal e de denúncia social, expondo as condições de vida dos sujeitos nas favelas, que viviam em condições precárias e totalmente abandonados pelo Estado. Ela tratou dos oprimidos, “dos miseráveis, dos esquecidos, dos negros, das mulheres abandonadas e/ou espancadas pelos maridos, das mulheres sem marido” (TOLEDO, 2010, p. 253). Ela narrou coisas que ainda acontecem ali no bairro do lado e em todas as favelas do nosso país, escrevendo um relato vivo, que a maioria dos políticos queriam abafar, silenciar e esconder, principalmente quando narrado por alguém que não tinha autorização para falar.

Por fim, concluímos que a ideia de interseccionalidade de gênero, raça e classe que atingiu a escritora Carolina Maria de Jesus é importante para explicar a sua história e as

dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras nos anos 1950, nos ajudando a entender tudo o que a escritora enfrentou.

O silenciamento vivido pela autora tem relação com as três forças de poder que a atingem, o mercado editorial era dominado pelos homens brancos e ricos e a escritora era mulher, negra e pobre, uma condição muito distante daqueles que eram dominadores do espaço editorial. Além disso, ela narrava assuntos que deveriam ser silenciados, tais como: o preconceito, o racismo, o sexismo, o abuso policial contra as pessoas negras, a violência sexual, o assédio e as condições cruéis em que os mais pobres viviam. Ela era uma mulher negra e pobre denunciando uma condição que as pessoas brancas não tinham interesse que fosse conhecida. As pessoas foram removidas do centro da cidade e jogadas às margens, nas favelas, mas esse era um assunto que deveria ser abafado a todo custo. Os políticos não queriam que fosse de conhecimento público como algumas pessoas viviam em condições miseráveis.

Carolina Maria de Jesus não abaixou a cabeça nem deixou de narrar os fatos, mesmo em alguns momentos tendo medo com o que poderiam fazer contra ela. Ela seguiu em frente e continuou a escrever as suas produções literárias. A pesquisa teve seu objetivo alcançado quando pudemos perceber que as forças de gênero, raça e classe tem papéis importantes na vida e nas produções literárias da escritora Carolina Maria de Jesus, enquanto mulher negra, mãe solteira e favelada, que fez do poder testemunhal da sua vida a matéria para alguns dos seus livros.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Giselle Maria Santos de. A importância da literatura de autoras negras brasileiras na luta antirracista. **Revista Extensão & Sociedade**. Vol. 2. Rio Grande do Norte, 2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BEZERRA, Juliana. Antônio de Oliveira Salazar. Toda matéria, [s.d.] Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/antonio-oliveira-salazar/>. Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

BORGES, Cibele Dias. **A memória coletiva e individual**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48485846-A-memoria-coletiva-e-individual.html>. Acesso em 07 de agosto de 2023.

CARVALHO, Arilson Menezes de. TEIXEIRA, Gina Maria Improisi. **A invisibilidade da literatura afro-brasileira**. Disponível em: <https://transformauj.com.br/wp-content/uploads/2022/05/04.-A-INVISIBILIDADE-DA-LITERATURA-AFRO-BRASILEIRA-Arilson-Menezes-e-Gina-mAria.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

CASTRO, Susana de. “Um Brasil, para os brasileiros”: o pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. V.39. n. 2/2021.

CORONEL, Luciana Paiva. **A escrita descentrada de Carolina Maria de Jesus**. Let. Hoje, v. 54, n. 4, p. 459-465, 2019.

CURIEL, Ochy. (2005). **Género, raza, sexualidad**: debates contemporâneos. Disponível em: http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1fld1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.PDF. Acessado em 15 de outubro de 2022.

FERNANDES, Leandro dos Santos. **O historiador e a literatura como fonte histórica**. IX EPCC- Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. N.9, P.4-8, 2015.

FERREIRA, Naiva Batista. **Quarto de Despejo**: Gênero e autobiografia na literatura de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas – FLET/UFAM. Amazonas. 2019.

FONTOURA, Maria Conceição Lopes. **A produção escrita das mulheres negras**. Estudos feministas. Florianópolis. 12(N.E.). 2004.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça – Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social, revista de sociologia da USP**. v.26, n.1, p.61-73, 2014.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. 11ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

- HOOKS, bell. **Olhares negros raça e representação**. São Paulo: Elefante. 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**, volume 4. Coleção Contrastes e Confrontos. RJ: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1961.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo. s/d.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 10^a ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 9 ed. (Edição popular). São Paulo: Ática, 2007.
- LOPES, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo**. Literafro. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lopess#:~:text=A%20escrita%20para%20Carolina%20Maria,publica%C3%A7%C3%A3o%20de%20seu%20segundo%20livro>. Acesso em: 13 janeiro de 2023.
- MITTANCK, Vanuza Alves. **As mulheres de 1950**: seu comportamento e suas atitudes. 13 Mundos de mulheres & fazendo gênero 11 transformações, conexões, deslocamentos. Florianópolis – SC, 2017.
- NASCIMENTO, Bianca Obregon do. **Reflexões sobre gênero na obra *Quarto de despejo***. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2286>. Acesso em 10 de setembro de 2023.
- OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. **MULHERES NEGRAS LETRAS E LITERATURA**: Uma análise da condição da mulher negra no final do século XIX a meados do século XX. 18 REDOR. Recife, p.1586-1605. 2014.
- PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. São Paulo, v.24, n.1, p-77-98, 2005.
- PERES, Sonia Maria Zanezi. Maurice Halbwachs e a memória coletiva e individual. **Revista Missioneira**. V.23. n.2. p.71-72. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v23i2.693>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p.3-15, 1989.
- QUEM foi Audálio Dantas. **Oboré projetos especiais**. São Paulo. 01 de Abril de 2021. Disponível em: <https://www.obore.com/noticia/quem-foi-audalio-dantas>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** - A formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Valeria Leoni. COSTA, Flamarion Laba da. **A importância da mulher**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2023.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos. BORGES. Valdeci Rezende. Quarto de Despejo: O espaço na obra de Carolina Maria de Jesus. **Anais do SILEL**. Volume 3. Número 1: EUFU,2013.

SANTOS, Marcela Ernesto dos. Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou. **Revista Iuminart do IFST**. V. 1, n. 4, Sertãozinho, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Christine Rufino Dabat. Maria Betânia Ávila. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2022.

SOUZA, Priscila Uirá de. **Kimberle Crenshaw** – a urgência da interseccionalidade. Youtube. 14 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vQccQnBGxHU>.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas**. *História & Perspectiva*. Uberlândia, 2008.

SOUZA, F. **Gênero e “raça” na literatura brasileira**. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (32), 103–112. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9570>. Acesso em 11 de novembro de 2022.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. *Letrônica*, v.3, n.1, p.247-257, 2010.

VIEIRA, Itala Maduell. **A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak**. XI Encontro Regional sudeste de história. Niterói- RJ, 2015.